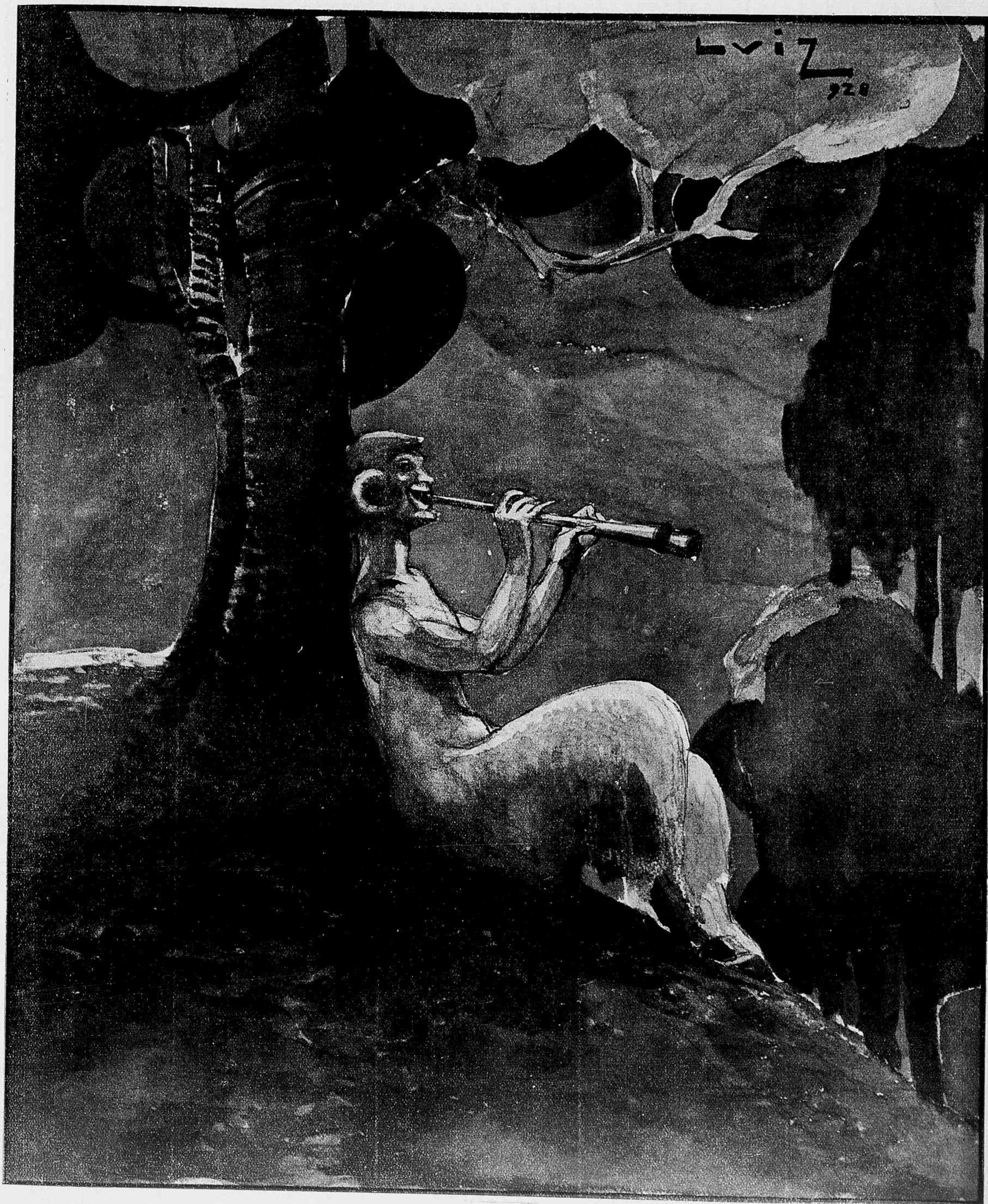
REVISTA DA SEMANA

ANNO XXIX — N. 30

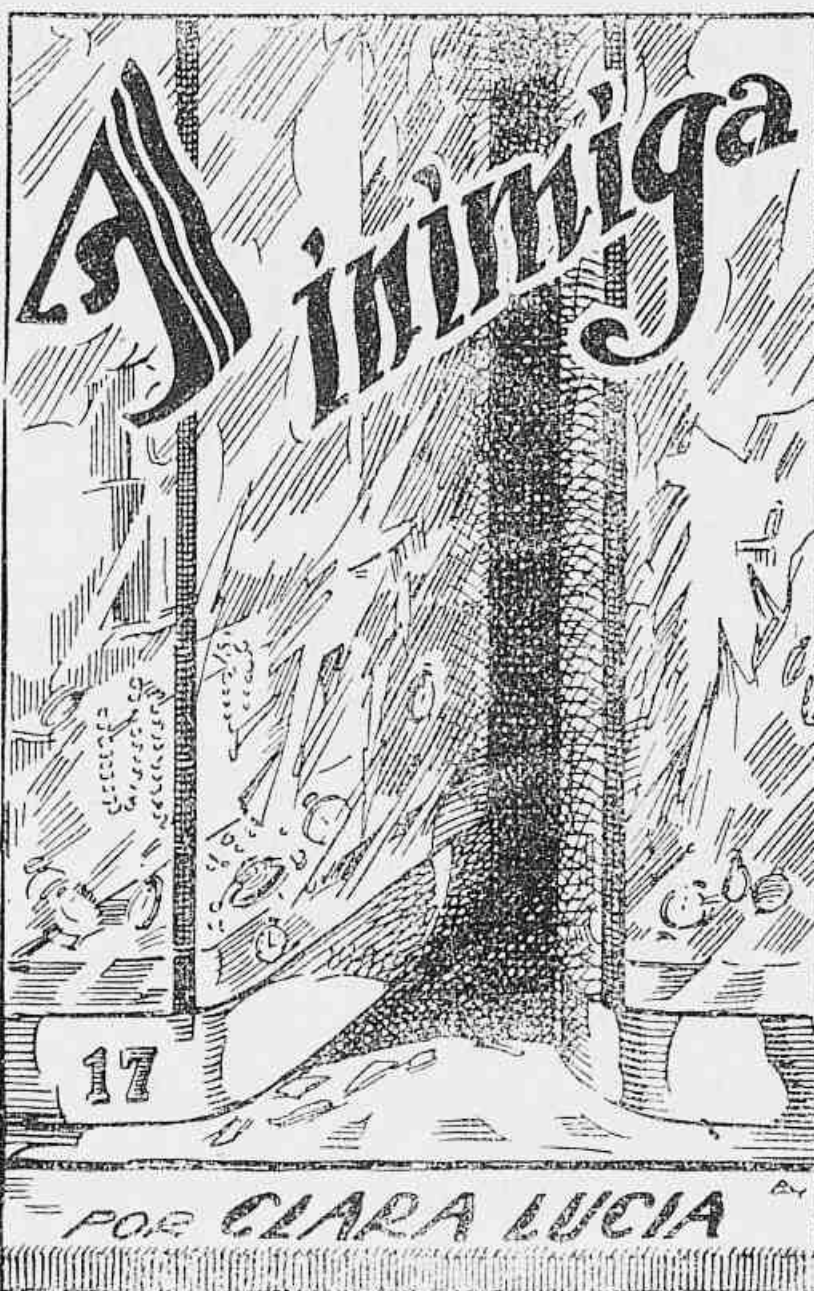
14 de Julho de 1928

Em S. Paulo: Visitem a linda exposição na **CASA ALLEMÃ.**

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXIX | Rio de Janeiro, 14 de Julho de 1928 | NUMERO 30

PARA mim, Mrs. Pankhurst nunca foi senão uma inimiga das mulheres. Passando por detestar os homens, na verdade ella os admirava — pois, acima de todas as ambições na vida, se lhes queria egualar. Não podemos prestar a uma individualidade homenagem mais expressiva que a do desejo de a ella nos assemelharmos. O esforço por nos equipararmos a alguem natural e insophismavelmente envolve o reconhecimento, nesse alguem, duma superioridade ou até duma perfeição. Era o caso de Mrs. Pankhurst. Os seus discursos de ataque aos homens, autores e defensores de leis iniquas, largas e generosas para elles, para nós avaras e tyranicas; esses discursos de congresso ou de meeting, sempre assomados, sempre bellicosos, proclamavam o poderio dos homens, attribuindo-lhe tal amplitude e tal esplendor que, para as mulheres, devia constituir um objecto de preoccupação constante e arrebatada, um supremo ideal attingir aquellas culminancias e participar daquelle dominio. E, considerando tão invejaveis os direitos do homem, a que reduzia Mrs. Pankhurst a situação e as possibilidades das mulheres?

Foi Mrs. Pankhurst que, directamente ou através das suas discipulas mais ardorosas, introduziu na toilette feminina o vestuario dos homens. Até então, só tinham aparecido casos avulsos e distantes do aviltamento, pela masculinização, da nossa graça de vestir. Um ou outro chapéo á toureira, uma ou outra gravata Lavalliere não chegavam a prejudicar o espectaculo da adoravel e sempre adorada fantasia do nosso trajo. Com a influencia de Mrs. Pankhurst vieram, porém, os colarinhos duros, os peitilhos de casaca, os chapéos-côcos, o paletó sacco, a bengala — e o cigarro. E foi ao tempo dos seus grandes exitos de oradora e organizadora de manifestações de rua que, nos nossos dias, voltou a moda dos cabellos curtos, ephemera então, como simples exhibicionismo de meia duzia de exaltadas, implantada agora, como expressão de commodismo, de bom gosto — e de mocidade.

Com as suas idéas e sentimentos, Mrs. Pankhurst tendia a supprimir o nosso prestigio maximo — que é a elegancia. Era uma senhora sem maneiras, isto é: o contrario duma senhora. Converteu o Feminismo — que já antes della começara a triumphar e continuou a triumphar, sem ella — num systema de conquista pelo barulho e pela turbulencia. Duma evolução fez uma arruaça. As suffragistas, que ella chefiou, apresentaram-se aos olhos do mundo como um bando de solteironas resequidas e despeitadas, de chapéo furiosamente á banda sobre os cabellos em revolta, a boca escancarada de gritar, o punho fechado e arremettendo na gesticulação duma série de insultos e palavradas. Essa imagem não constituiria propriamente um retrato e antes uma caricatura — mas assim a opinião universal as considerava, para se rir dellas. E a verdade é que, durante longa época, as suffragistas londrinas deram que fallar de si, principalmente ou exclusivamente, pelos tumultos que armavam na via publica. As autoridades acabaram não tendo com ellas a menor consideração. Tratavam-nas como vagabundos ou desordeiros vulgares. Dispersavam-nas a murro. E, nos casos extremos, atiravam-lhes para cima as patas dos cavallos.

Semelhante Feminismo não devia realmente triumphar. E não triumphou. As primeiras mulheres eleitas á Camara dos Communs, por exemplo, nada se pareciam com Mrs. Pankhurst ou qualquer das suas adeptas notorias. Foram lady Astor, dama da alta sociedade, primorosa, fidalga, dona de casa, e a senhora Philipson, ex-artista, admiradissima pela elegancia como pelo espirito — e quão differentes do typo de rua que os *policemen*, aos empurrões, levavam para a esquadra e atiravam para o xadrez! Não me lembro se em alguma eleição Mrs. Pankhurst chegou a obter apreciavel numero de votos. Creio, porém, que não. Outras foram as suas victorias. Um dia, por ordem sua e em virtude dos seus tão fallados dotes de organizadora, todas as suffragistas "convictas" de Londres se armaram de martellinhos e se foram postar cada qual junto a determinada vitrine. Escolheram-se para o caso estabelecimentos de luxo ou de artigos preciosos, casas de modas, joalharias, galerias de arte e de antiguidades, agencias bancarias... Ao aproximar-se o meio dia, todas as commandadas de Mrs. Pankhurst se chegaram para defronte dos mostradores opulentos, empunhando a ferramenta de combate, escondida debaixo do manteau: e quando a primeira das doze badaladas reboou no nevoeiro cada martellinho fracturou a respetiva *vitrine*. Ao tilintar dos vidros em pedaços, succedeu o vozerio da multidão alarmada, que os gritos das suffragistas agudamente dominavam reclamando: *Votes for women! Votes for women!* Foram presas, todas ou quasi todas ellas, e condemnadas summariamente a tantos dias de cadeia. Consideraram-se victimas duma injustiça e — sempre em obediencia á chefe suprema, naturalmente — resolveram impressionar o paiz e o mundo, forçando a opinião a intervir em seu favor, isto pelo simples processo de deixar de comer. A autoridade competente esperou que ellas tivessem fome devéras, depois decidiu mandal-as alimentar á força. E, desse dia em diante, os brutamontes da guarda da cadeia subjugavam-nas como a animaes rebeldes, introduziam-lhes pela guela tubos de borracha e entornavam-lhes para dentro as refeições...

Taes a obra e os triumphos de Mrs. Pankhurst, recentemente fallecida e a que os jornaes dedicaram os necrologios do costume. Eu, porém, com todo o respeito que se deve aos mortos — e sobretudo, não sei porque, aos mortos de pouco tempo — confesso que não posso pensar nella sem a ver, de martello em punho, querendo rebentar um crystal finissimo por trás do qual ficariam expostas á depredação e ao saque as joias da graça feminina.

Clara Lucia

O Secretario dos Namorados

CONTO DE GERMAINE BEAUMONT

YVONNE ! Yvonne ! chamou o sr. Muchepain — Ainda não acabaste esse trabalho?

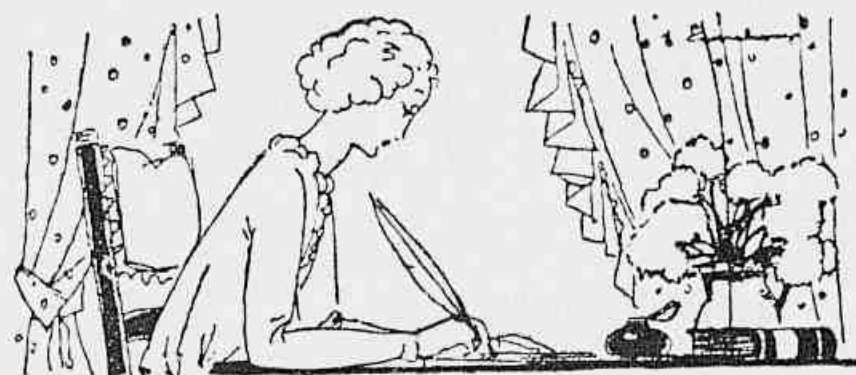
Do alto da escada de caracol que subia da loja do antiquario para o sobrado, uma voz doce respondeu :

— Está quasi, papae.

— Quasi, quasi! Mas sabes que horas são? Havia de ter graça se, por causa da tua preguiça, do teu desleixo eu deixasse de fazer este negocio... Ou imaginas que todos os dias apparecem trouxas como o tal sr. de Chantoye?

— Está bom, papae... Daqui a nada está prompto.

— Vê se arranjas isso antes do freguez chegar, quando não...

Tendo proferido as censuras e ameaças que na sua bcca desdentada assumiam uma feição especialmente assustadora, o sr. Muchepain, belchior, especialista em objectos de arte e curiosidades, voltou para a sombra da loja, donde, á maneira de aranha na sua teia, aguardava o forasteiro. Desta vez, porém, não se tratava dum simples forasteiro mas dum bello e generoso rapaz que, depois de certas aventuras sentimentaes, complicadas e ruidosas, resolvera fazer uma cura de solidão e repouso no seu castello ha longo tempo fechado. Ora, que pode fazer, na provincia, um homem daquella edade para se não aborrecer de morte? Ir á caça, frequentar os antiquarios... Assim, o sr. de Chantoye se tornara freguez assiduo do velho Muchepain e assim este planejara vender-lhe um contador de estylo, de que dizia maravilhas. Mas o sr. de Chantoye hesitava ainda, desconfiando que o movel não fosse tão antigo nem realmente tão bello como o vendedor pretendia...

Emquanto o velho se perguntava a si mesmo se o estratagema que imaginara surtiria o desejado effeito, Yvonne Muchepain, com o coração a bater e as faces afogueadas, apressava a conclusão da sua tarefa.

Deante della, sobre a mesa do seu modesto quarto de dormir, havia uma porção de folhas de papel amarellado, algumas das quaes escriptas numa letra delicada e ligeira. Um tinteiro com tinta meio aguada, uma fita desbotada, uma caixa de papelão e um livro do seculo XVIII com o titulo *Secretario dos Namorados* constituiam os instrumentos do seu mysterioso labor.

O livro estava fechado. Mas, sem duvida num impeto de inspiração, Yvonne continuava a escrever, tão distrahida, tão absorta que os passos do pae a fizeram erguer-se sobresaltada, pallida de morte.

— Tenho então que te vir espertar á força, hein?

— Não, papae... respondeu ella, tremendo. — Está prompto, não vê? Está prompto!

Juntou as folhas escriptas, seccou-as com um pouco de areia dourada e, tomando a fita desbotada, fez um pacotinho airoso que apresentou ao pae. Muito clara, muito loura, muito fina de feições e de maneiras, Yvonne dava a impressão dum anjo prisioneiro dum demonio.

— Copiaste as cartas que eu marquei?

— Copiei, sim, papae.

— Puzeste as gotas de agua para imitar lagrimas?

— Sim, papae...

O velho assestou-lhe o olhar desconfiado, que ella, tremendo embora, sustentou nos olhos claros.

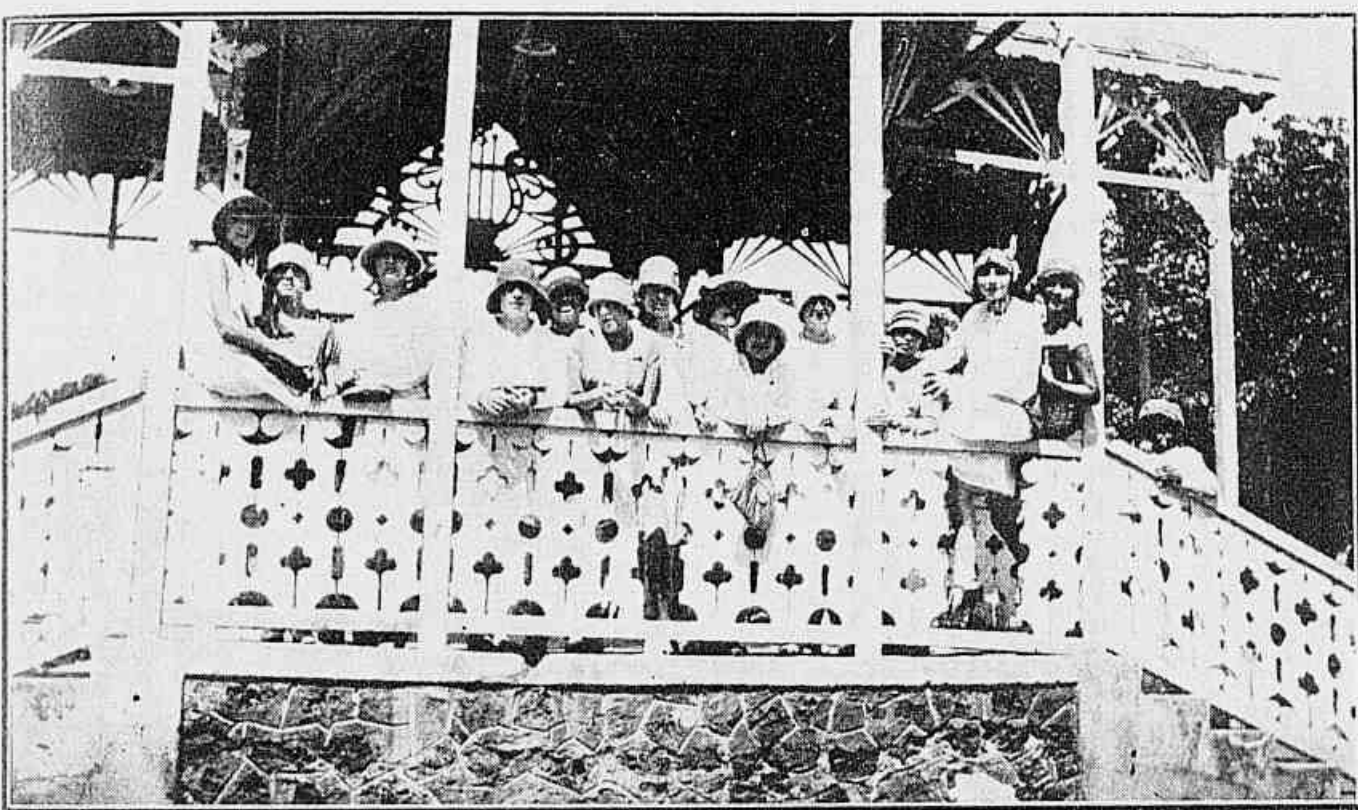
— Está bem... disse o antiquario.

E desceu com o maço de cartas, para o ir metter na gaveta secreta do contador.

Uma vez sózinha, Yvonne esboçou um sorriso melancolico. Copiar as cartas? Para que copiar? No seu coração de moça tinha ella com que encher folhas e folhas. E não havia manual epistolar que a ensinasse a exprimir melhor do que ella propria o faria a paixão occulta, a grande e ardente paixão que o sr. de Chantoye lhe inspirara.

E então uma especie de jubilo lhe illuminou o semblante.

"Assim, elle lerá as minhas cartas... disse

O sr. José Ortigão no Cáes do Porto rodeado de amigos e pesssoas de sua familia que o foram receber de regresso da Europa.

O Dia das Medalhinhas em Natal (R. G. do Norte), instituido em favor das obras do Santuario, Escola de N. S. das Graças e de Sta. Therezinha, do bairro do Tyrol, na capital potyguar.

a moça comsigo. — Julgará que são doutra, duma creatura morta; em todo o caso, eu lhe terei dito que o adoro e a mais ninguem amarei na vida".

Uma hora depois, chamada pelo pae, Yvonne desceu ao armazem.

— Fiz o negocio! annunciou o antiquario, triumphante. — Quando lhe fiz ver que o contador tinha uma gaveta secreta e que, inclinando-se o movel, uma coisa lá dentro ia dum lado para o outro, o sr. de Chantoye não hesitou um momento. Ficou tão ansioso por saber do que se tratava que, tendo pedido uma rapida explicação dos processos mais indicados para se abrirem taes gavetas, mandou pôr o contador no proprio automovel e partiu a toda a velocidade... Hein? Que me dizes a isto?

— Ainda bem! Ainda bem! respondeu Yvonne.

* * *

Dizia-se na aldeia que o sr. de Chantoye não ficaria mais de seis mezes no castello. Pois bem, os seis mezes foram se estendendo, multiplicando... Ia de vez em quando a Paris, mas voltava logo para os seus dominios; e essas mesmas viagens as foi espaçando cada vez mais. Suppoz-se tambem que elle tencionasse casar... Pois ficou solteiro. E levava uma vida extranhamente retirada, quasi incrivel em quem, pelos dotes physicos, a educação e a fortuna, podia occupar tão brilhante posição social...

Foram passando os annos. Morreu o detestavel Muchepain, e sua linda filha tomou conta do negocio. Com a edade, uma cinza fina lhe foi pousando nos cabellos louros, velando o puro fulgor dos olhos azues. Tambem ella vivia aparte, afastada de tudo, quando, com as suas graças e a sua relativa riqueza, podia ter arranjado tão bom casamento...

De vez em quando, aparecia o sr. de Chantoye no armazem de antiguidades. Levava horas a rebuscar pelos cantos, a examinar livros e *bibelots*. E de bom grado os dois conversavam, unidos pela identica melancolia do seu destino solitario.

Um dia, o sr. de Chantoye — que já então contava cincoenta annos feitos — encontrou, por trás duma pilha de livros, um volume intitulado "Secretario dos Namorados". Folheou o livro. Yvonne olhava-o de modo singular. E ao cabo dalguns momentos, depondo o livro no logar onde o achara:

— A gente naquelle tempo sabia escrever... observou elle gravemente. — Lembra-se dum contador que, haverá vinte annos, comprei a seu pae? Encontrei lá dentro um maço de cartas de amor. Pois bem... Tão bellas eram essas cartas, tão communicativas, tão eloquentes que decidiram da minha vida. Lendo-as, comprehendi que não mais poderia amar mulher alguma, porque não havia mulher que soubesse escrever com tal simplicidade e tal ardor. Vi então quanto os meus amores passados tinham de vulgar e mesquinho. O futuro não me promettia coisa melhor. Deixei-me ficar por aqui. Ha vinte annos que vivo sozinho, mettido commigo, fazendo por acreditar que foi para mim que uma privilegiada mão de donzella escreveu aquellas admiraveis cartas de amor. E eis porque, minha velha amiga, ha tanto tempo me conservo freguez da sua casa...

Uma luz de aurora tingia o rosto pallido de Yvonne, que juntou as mãos e murmurou:

— Ainda bem... Ainda bem...

O CIMENTO ARMADO DO ORGANISMO HUMANO

Pode-se dizer, sem receio de errar, que os saes de calcio representam, no organismo humano, o papel do cimento empregado nos edificios modernos. Basta o organismo humano desprover-se da indispensavel quantidade de saes de calcio para elle ficar em estado de menor resistencia.

Os ossos constituem as partes duras do corpo e representam o arcabouço sustentador das partes molles. O organismo precisa abastecer-se constantemente de calcio para que o esqueleto se mantenha forte. O menor *deficit* neste elemento manifesta-se, logo, pelas caries dentarias e, nas crianças, tambem pelas fracturas osseas; bem assim nos adultos e nas crianças por muitas outras manifestações como sejam: fraqueza, insomnia, nervosismo, desanimo, palpitações nervosas, diminuição da memoria etc.

Para combater este *deficit*, muito commum em certas regiões do Brasil, onde os alimentos são pobres em saes calcareos, o melhor «medicamento-alimento» é a Candiolina Bayer, que constitue o verdadeiro cimento armado para reforçar os edificios de carne e osso.

Caso curioso de divorcio

Muito tem preoccupado actualmente a alta sociedade de Budapest um processo de divorcio muito curioso, onde o cinematographo tem um papel importante, porque foi um *film* que trouxe a prova da traição commettida pelo marido. Este marido, Leopold W... viaja muitas vezes por causa dos seus negocios. Durante as suas ausencias, naturalmente, para distrahir-se, sua mulher vae ao cinema.

Pois ultimamente, estando ella no cinema, deram como de costume, antes da fita americana, umas scenas de actualidade londrinas, e a mulher viu bem em evidencia na tela o sr. Leopold W... que calmamente passeava de braço dado com uma loura filha da Albion.

— Meu Deus! meu marido! gritou a abandonada.

E, logo no dia seguinte, pediu o divorcio. O marido, naturalmente, defendeu-se. Quiz provar á mulher que ha pelo mundo muita gente parecida, sósias extraordinarios. Londres é uma grande cidade; nada era de admirar que houvesse um sujeito lá que se parecesse com elle. Mas um inquerito provou que o sr. W... estivera naquella época em Londres e, no hotel para onde havia ido com uma linda creatura, a tinha inscripto como sua esposa.

Não teve outro remedio senão confessar-se vencido, diante dessa prova esmagadora, o marido voluvel.

O jardim do meu coração

O jardim do meu coração é rodeiado de um muro: ninguem me vê plantar nem cultivar as minhas rosas; que o céu esteja escuro ou limpido, ninguem póde saber quando ellas desabrocham.

O jardim do meu coração está todo semeiado de bellas coisas, que me agrada esconder para serem mais minhas. Porque essas coisas — bellos lyrios, ou então tristes saudades — são o meu duplo segredo presente e futuro.

Mesmo quando morrer, não quero que saibam quaes foram as flôres cultivadas no meu jardim. Entre aquellas que se guarda e aquellas que se põe fóra, aquellas cujo perfume nos embriaga e nos mentem, talvez tenha amado mais de cem ou só uma. Mas no meu jardim secreto ninguem poude ver nenhuma.

HENRI DE REGNIER.

Vendo fantasmas. Uma simplicidade que causa grande alarma

Não ha cousa que tenha dado origem a tão alarmantes conjecturas como aquella molestia chamada pelos medicos "cardialgia" e pelos leigos "ardencias na bocca do estomago". Algumas pessôas — as mais nervosas — tomam isso como symptomas inequivocos de uma ulcera, ou como precursores de um ataque de appendicite. Outras, as menos nervosas, limitam-se a diagnostical-a como "gazes do estomago". E o peor, no caso destas ultimas, não é que o acreditem, e sim que se medicam de accordo, fazendo uso de um remedio — o bicarbonato de sodio — contra cujo abuso os medicos não se têm cançado de falar.

A tal "cardialgia", na realidade, não é senão um dos symptomas da "hyperchloridia", isto é: quando o estomago produz mais acido chlorydrico do que é necessario para uma digestão normal. A maneira logica de se remediar esta condição é tomar um alcalinisante que neutralise e concorra para a eliminação dos acidos. O que para tal aconselham os medicos é uma colherinha do "LEITE DE MAGNESIA PHILLIPS" depois das refeições. E, por falar em acidez, não sabem as senhoras mães que o habito de se misturar agua de cal ao leite da mammadeira é a reminiscencia de uma época em que ainda não se entendia muito de hygiene infantil? A sua acção sobre os acidos é insignificante e, alem disso, este liquido altera o sabor e a côr do leite. Eis o motivo porque os hygienistas modestos condemnam a agua de cal e aconselham, em seu logar, uma colherinha do "LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS", addicionada á primeira mammadeira que se dê á creança de manhã.

O livro promettido

Os admiradores de Gabriel d'Annunzio esperam com impaciente curiosidade o novo livro do grande poeta. A ultima pagina dessa obra, que se intitula Il compagno dagli occhi senza cigli (o camarada de olhos sem pestanas) foi escripta em fins de maio. O titulo nada tem de symbolico. Refere-se a um amigo do poeta e seu companheiro de collegio, que realmente não tinha pestanas.

Nesse livro, que é dedicado a Eleonora Duse, conta D'Annunzio numerosas recordações, quer da infancia e da primeira mocidade quer da edade madura. No seu proprio dizer, são paginas que contem "antes vinho toscano que chianti tinto".

O proprio D'Annunzio levou os originaes ao seu editor habitual em Milão e resolveu acompanhar em pessôa os trabalhos da impressão. A um velho operario que tem trabalhado na composição de varias obras suas, prometteu o autor um dos primeiros exemplares do novo livro, com dedicatoria.

Para escrever Il compagno dagli occhi senza cigli, D'Annunzio declarou-se morto para o mundo emquanto durasse tal trabalho. A's portas do seu jardim havia soldados de sentinella, para impedir que qualquer pessoa, amiga ou não, se aproximasse do poeta, perturbando o seu labor.

D'Annunzio trabalhava numa especie de febre, só abandonando a mesa de trabalho quando precisava de ir á bibliotheca consultar algum livro. E por ser a porta da bibliotheca symbolicamente baixa — pois tudo naquella residencia é symbolico — D'Annunzio, um dia, bateu violentamente com a cabeça na bandeira e fez na testa um gallo enorme. Nesses dias proximos, trabalhou o poeta com uma faixa na cabeça, faixa que singularmente completava a sua toilette habitual: pyjama e sandalias.

A obra foi concluida com vinte e nove horas de trabalho durante as quaes o poeta não descansou um momento nem tomou alimento algum...

Resta saber se todas as notas que ahi ficam não fazem parte do reclamo da livraria editora.

Pensamentos

A paixão faz cantar em nós, como um cantico interior, toda a alegria de viver.

*

O jugo de amor não é nunca pesado para aquelle que o supporta, quando está tambem apaixonado

Aspecto da inauguração da exposição do artista patricio Armando Vianna, premio de viagem, no Salão Silva Porto, na cidade do Porto. Presidiu ao acto o consul do Brasil, dr. Adhemar Mello.

A defesa do macaco

Uma conferencia recentemente feita pelo dr. Voronoff, em Cambridge, determinara, por parte do dr. Edward Back, um protesto contra o perigo das experiencias daquelle scientista pois que "enxertadas as glandulas do macaco num ser humano — allegou o autor do protesto — as caracteristicas do macaco devem ser egualmente transplantadas. Ora as caracteristicas, pronunciadas ao mais alto gráu nos simios anthropoides são a crueldade e a sensualidade".

O escriptor Bernard Shaw, tomando a defesa daquelles nossos irmãos inferiores, publicou, em seu nome, no Daily News, *uma longa carta assignada "Consul Junior, Casa dos Macacos, Jardim Zoologico", e na qual faz, entre outras, as considerações seguintes:*

"Nós, macacos, somos uma raça paciente e inclinada á bondade, mas realmente tal acusação vae além daquillo que podemos supportar. Porventura houve já macacos que arrancassem glandulas de homens vivos para as enxertar em outros macacos, afim de lhes prolongar a vida?

Acaso foi já necessario fundar uma sociedade para a protecção dos filhos dos macacos, como succede em relação aos filhos dos homens?

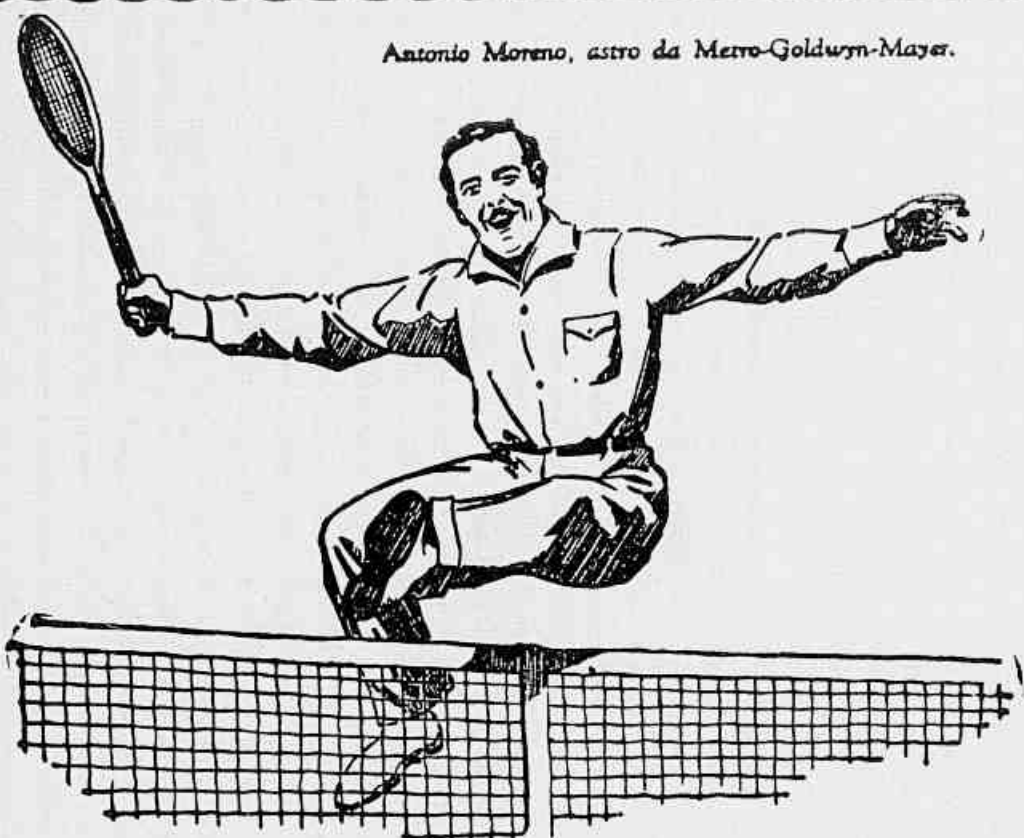
Foi a ultima guerra uma guerra de macacos ou uma guerra de homens? E' a guerra uma pratica simiesca ou uma pratica humana?".

Deixamos ao dr. Voronoff o cuidado de demonstrar quão infundado e antiscientifico é o receio do dr. Edward Back — receio que, em verdade, devia ser uma esperança de poderem os homens adquirir as virtudes dos macacos.

O homem continua a ser o que sempre foi: o mais cruel e o mais sensual dos animaes. E sempre será o que é, apezar de todos os esforços do dr. Voronoff para fazer delle um macaco decente.

Imogene Robertson, da "Ufa".

A infanta Christina

Foi o mez passado apresentada á alta sociedade de Madrid a segunda filha

dos reis de Espanha, infanta D. Christina, o que constitue o maior acontecimento da estação madrilena, por esse motivo denominada a "Estação Christina".

A avó da Infanta, a rainha Maria Christina, deu em sua honra um grande baile nos aposentos que occupa no Palacio Real. Para esse baile foram convidadas todas as moças da alta sociedade.

No dia seguinte, tomou parte a Infanta num grande jantar dado pelo embaixador da Italia em Madrid, em honra da Familia Real. Presidiu o banquete o rei Affonso, que se sentava entre as suas duas filhas, infantas Beatriz e Christina.

Diz um jornal que o monarcha se mostrava deveras satisfeito e alegre — e um tanto envaidecido talvez das graças das duas creaturinhas a quem adora.

O congresso do rato

Reuniu-se o mez passado em Paris e encerrou os seus trabalhos no dia 12, em sessão presidida pelo delegado das Indias neerlandezas, dr. W. de Vogel, o Congresso Internacional do Rato.

Entre as varias communicações apresentadas durante os trabalhos, figurou a do sr. Hern de Balzac, professor do Lyceu de Artes e Officios de Paris, que propoz a organização dum inquerito zoologico e scientifico, feito por autorisados homens de sciencia, de todos os paizes, com o fim de se determinarem as condições mais favoraveis á "desratização".

E ao serem encerrados os trabalhos o professor Petit, secretario geral do Congresso, agradeceu a todos os Delegados o apoio que prestaram ao importante emprehendimento que era a luta contra o rato.

Um budha gigante

Um negociante de Beppu, chamado Elsaburo Okamoto, resolveu um dia implorar de modo especial, mais positiva e praticamente que de costume, as bôas graças de Budha; e fel-o mais ou menos nestes termos:

— Se me ajudares a realizar o meu ideal, que é enriquecer dentro de pouco tempo, dar-te-hei uma estatua gigantesca, como não ha nem houve egual.

Budha acolheu benignamente a promessa. Os negocios que Elsaburo Okamoto emprehendera, alguns dos quaes bem arriscados, prosperaram e deram o melhor resultado. E o devoto assim favorecido mandou fazer um Budha de vinte e seis metros e tanto de altura, isto é seis metros e meio mais alto que o maior até agora conhecido e que era o de Mara.

A estatua mandada fazer por Elsaburo Okamoto importou em cerca de trezentos contos. Imagine-se por ahi quanto os taes negocios lhe renderam!

Injuria profissional

Um medico de Berlim instaurou processo contra um seu constituinte porque este lhe dirigiu a seguinte carta:

A COLONIA BRASILEIRA DO PORTO, DEPOIS DE UMA FESTA INTIMA, NO PALACIO DE CRYSTAL. Vê-se no primeiro plano os srs. Adhemar Mello, consul do Brasil; general Craveiro Lopes, commandante da 1a. região; e tenente coronel Nunes da Ponte, governador civil. Ao fundo e da esquerda para a direita os srs. Manuel dos Santos Natividade, capitalista; Claudionor A. de Campos, chanceller do consulado geral; Romualdo Torres, proprietario; Licinio de Almeida Prado, medico; Luiz Retumba, guarda-livros; Leopoldo Gotuzzo, pintor; Antonio Mendes, medico; Arnoldo de Andrade, medico; Cassiano Barbosa, advogado; Henrique Alegria, industrial; José Pinto Branco, negociante; José Alvares de Souza Soares, medico; Abel Abrantes, medico; e Licinio da Rocha Pereira, proprietario, todos brasileiros.

Meu caro Doutor--Aconselhei a minha noiva a ir lhe pedir informações sobre a minha saude. Desde menino o senhor trata de mim e portanto conhece perfeitamente o meu organismo. O que eu, porém, desejo é que o senhor me dê como gravemente acomettido de qualquer molestia e com vida para pouco tempo. E' que não desejo casar. E por certas razões pessoaes, faço questão de que seja minha noiva e não eu que rompa o contracto matrimonial. Encontrei este meio que me parece excellente e por isso, meu caro Doutor, lhe rogo etc etc".

O medico entendeu que havia em tal pedido uma injuria profissional e a justiça deu-lhe ganho de causa. O rapaz foi condemnado. E não dizem os jornaes que trazem a noticia se elle conseguiu o seu primeiro intento; mas devemos suppôr que sim, porque, com a publicidade dada ao processo, certamente a moça em questão se desgostou de tal noivo — a não ser que ficasse mais que nunca disposta a casar, por desafcro!

Ninguem é propheta

A municipalidade da cidadezinha maritima de Weymouth, no condado inglez de Dorset, preparou-se o melhor possivel para a realização da profecia emittida por um sacerdote local. Segundo esse ministro do Senhor, uma resaca formidavel "engulíria" a cidade ás 3h.53 da tarde de domingo, 27 de Maio".

Com effeito, a profecia attrahiu a Weymouth enorme multidão de forasteiros. Desde a vespera bem cedo chegaram á estação dos caminhos de ferro trens atulhados de passageiros e ao porto navios egualmente cheios de gente. Hoteis e restaurantes, todos os estabelecimentos onde se podia comer alguma coisa, foram assaltados por uma freguezia generosissima... Toda a gente daquellas immediações que podia ir a Weymouth fez a viagem, dando por bem empregada qualquer despeza ou fadiga. Só a resaca é que não compareceu...

Ninguem é profeta na sua terra.

Pensamentos

Consciencia vale mais que mil testemunhas.

*

Por uma alegria, mil dores.

Quem dorme bem não está apaixonado.

A coroação da Rainha das Manicuras (Rio de Janeiro)

O continente norte-americano

Dum inquerito que o sr. H. B. Butler, director adjuncto da Repartição Internacional do Trabalho, publicou o mez passado, fazem parte as seguintes passagens relativas á extensão e outras condições da União Norte-americana.

"Os Estados Unidos, escreve o sr. Butler, não são um paiz mas um continente. Assim, por exemplo, um dos quarenta e oito Estados que os constituem, o Texas, possue uma superficie superior á da Allemanha; a California corresponde, em superficie, a tres quartas partes da França; os Estados de Wyoming e Oregon são maiores, qualquer delles, que a Grã-Bretanha; e o Estado de Nova York tres vezes maior que a Suissa. A differença de clima entre o Maine e a Florida é mais accentuada que a existente entre o clima da Escossia e o da Sicilia. A distancia entre Nova York e Chicago é maior que a que separa Paris de Breslau; e a viagem de Chicago a S. Francisco é egual á de Athenas ao circulo polar arctico.»

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — O *sosia* do rei da Inglaterra: o sr. T. E. Ellis, cuja extranha semelhança com o rei Jorge V tem dado logar a constantes confusões. 2 — As jovens italianas evoluindo para formação da palavra *Duce* em presença de Mussolini, no concurso gymnastico feminino no stadio de Roma. 3 — O casamento de Adolpho Menjou, o apreciado artista da scena muda, com miss Katharine Carver; aspecto durante a ceremonia civil, em Paris. 4 — O casco do hydro-avião *super-wall* com que o commandante Ramon Franco pretende dar a volta ao mundo, ao ser transportado para as novas officinas onde será concluida a sua construcção. 5 — Toledo (Hespanha): o cardeal primaz dr. Segura, com o Capitulo dos Cavalleiros do Santo Sepulcro, após a benção e imposição dos habitos. 6 — O *Italia*, o celebre avião de Nobile, ao passar sobre Stockholmo no dia 3 de Maio.

Cronica de Paris

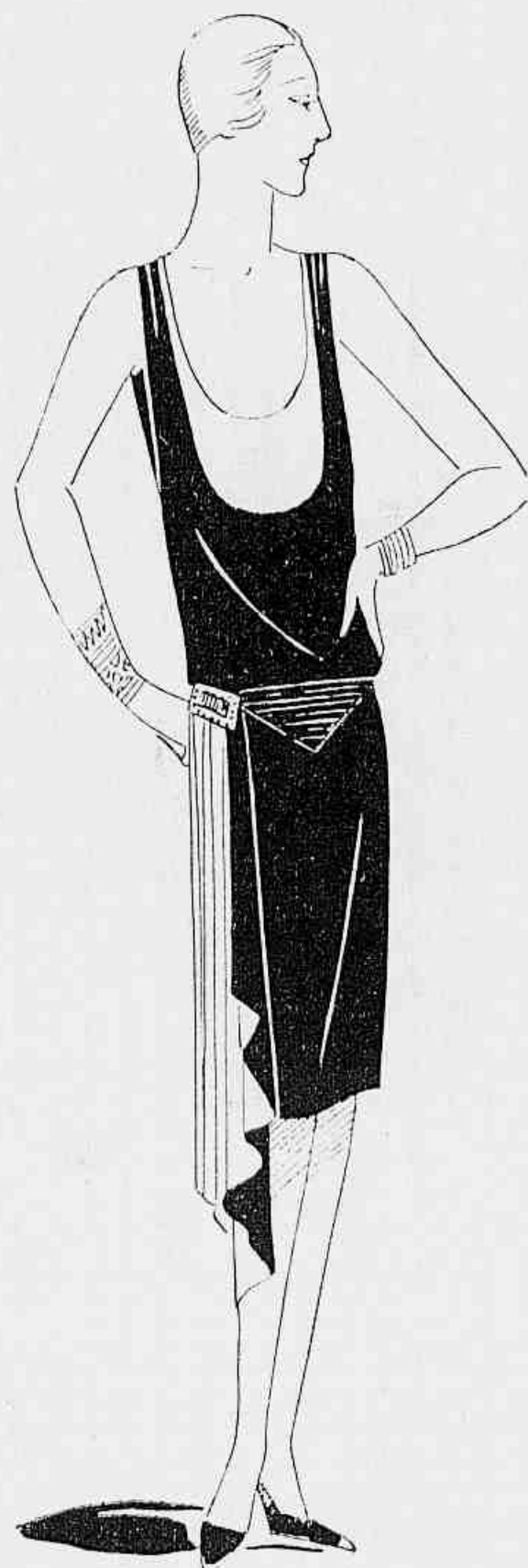
Temos dito muitas vezes, e cem vezes ouvido repetir, que a moda não se occupa das senhoras de *certa edade*, isto é das que chegaram aos cincoenta annos de vida e continuam a caminhar pelo suave declive, que parece planicie, embora iniciem, na realidade, a descida.

Temos dito muitas vezes que em Paris não se differenciam as avós das netas senão pelo rosto, que, através da pintura, accusa os estragos do tempo.

Podemos hoje affirmal-o de novo, após alguns dias de Paris, longe do bulicio cosmopolita e das grandes casas de modas, que pouco nos interessavam.

Aqui, pedem algumas senhoras chapéos para cabeças grisalhas, e as modistas lhes apresentam os mesmos modelos que reproduzem para as cabeças louras ou castanhas de vinte annos.

Em Paris, as senhoras da alta sociedade, as elegantes da nobreza, vestem-se maravilhosamente, reunindo todo o chic e distincção da mulher franceza das classes elevadas, que não tem o menor ponto de semelhança com as jovenzinhas de sessenta janeiros que vemos nos theatros, hoteis da moda e ruas. E' essa a caracteristica das senhoras elegantes que não são jovens. Cabello grisalho ou branco

Vestidinho de musselina estampada, bordada com um viés de côr lisa, no tom de vestido. Babado em fórma para a saia e canhões das mangas.

Vestido de crêpe setim preto e rosa. O alto do corpete e o longo panno do lado são rosas.

(nada de tintas), cutis preciosa porque não se pintam, e graças á hygiene gera — ar, exercicio, sobriedade na comida, madrugar muito e tresnoitar pouco — conservam a frescura da tez que a geração actual perde aos trinta annos pelo uso e abuso dos arrebiques.

As senhoras da sociedade parisiense não usam vestidos com mais de 15 centimetros acima do chão; usam camisetas de tule, com golla, quando com vestidos de dia, abertos, ou supprem a golla de tule com uma gaze que lhes circumda as gargantas.

Vestem-se na moda, vista a distancia respeitosa, com detalhes geraes, e sem os que a mocidade exige, repellindo todos os incorrectos, que nem moças nem velhas acceitam.

Os chapéos são a nota culminante do vestuario de senhora. Em via de regra, collamos os nossos até que cubram a nuca, sem pensar que isso envelhece, pelo contraste do feltro com o rosto, sem a nota de meios tons que é dada pelo cabello prateado.

Usam-se em Paris chapéos de aba pequena encaixados na frente, mas não até aos supercilios, e sem que se encasquetem por trás, de modo que se vê o cabello e parte das orelhas.

As *toucas*, que as mocinhas de hoje desconhecem, evoluiram com a moda, sem perder a sua linha e unidas ao véozinho que cáe sobre o rosto continuam a ser o chapéo de summa elegancia, que se adorna com vaporosas *aigrette* algum broche de brilhantes, ou se faz de palha e cintas ou palha e feltro sem adorno seguindo a moda geral.

Nunca em casa nem na rua se vê uma senhora sem abrigo ou chale ligeiro, que não abrigue, mas *acompanhe*.

Muitos chapéos d'esse genero teem um elegante complemento que não pódem usar as gordas, porque a sua linha não tolera. E' um véo de tule ou de renda, muito fina, collocado como os véos de luto, que cáem em volta, contornando o resto.

As velhinhas, que, louvado seja Deus, existem em toda parte, usam a classica capota com tiras, tão senhorial, e em harmonia com ampla capa de pelles ou de gaze. Se unirmos a essas modas preciosas luvas, calçado primoroso e alguma joia tão valiosa como discreta, poderemos fazer idéa de como são em Paris as elegantes de certa edade.

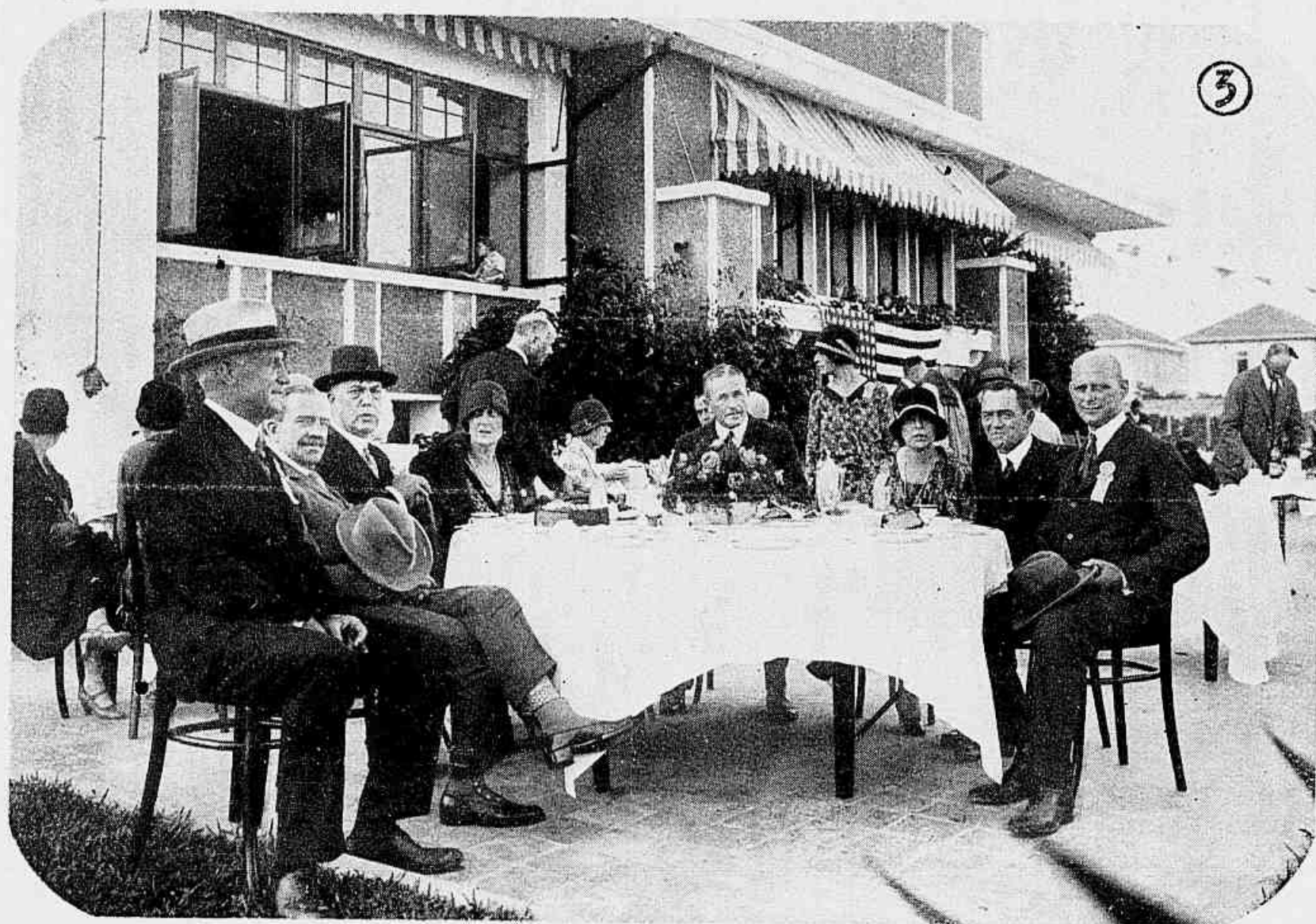
Das outras nada de novo poderiamos dizer. Joelhos ao ar, transparencias, unhas côr de lacca e tudo quanto os inimigos da belleza, da esthetica e da moral se comprazem em impôr ao disciplinado exercito feminino internacional.

X.

Vestido de crêpe azul marinha e rosa. Dupla saia plissada e terminada em pontas; canhões da manga e collete rosas.

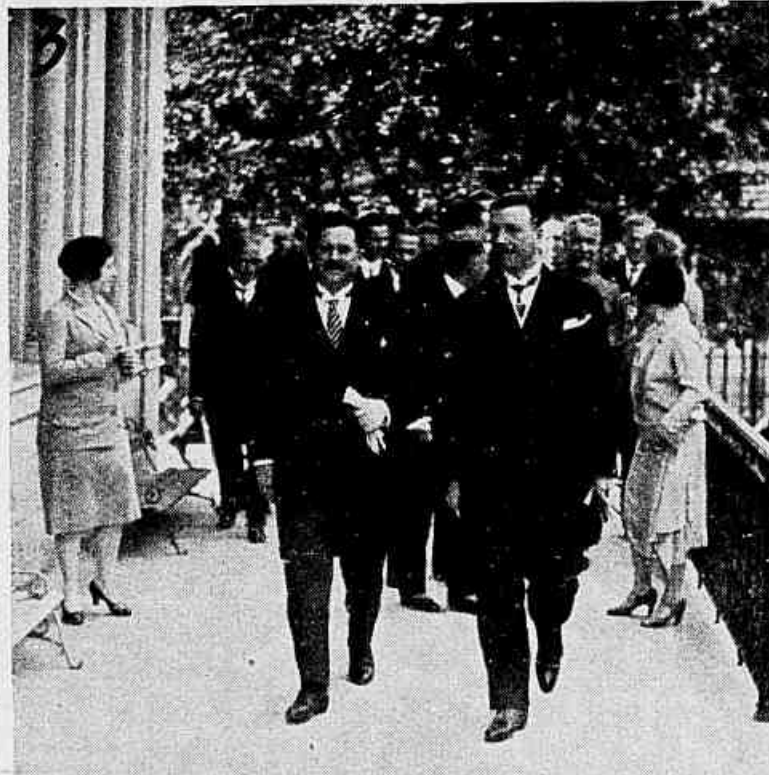
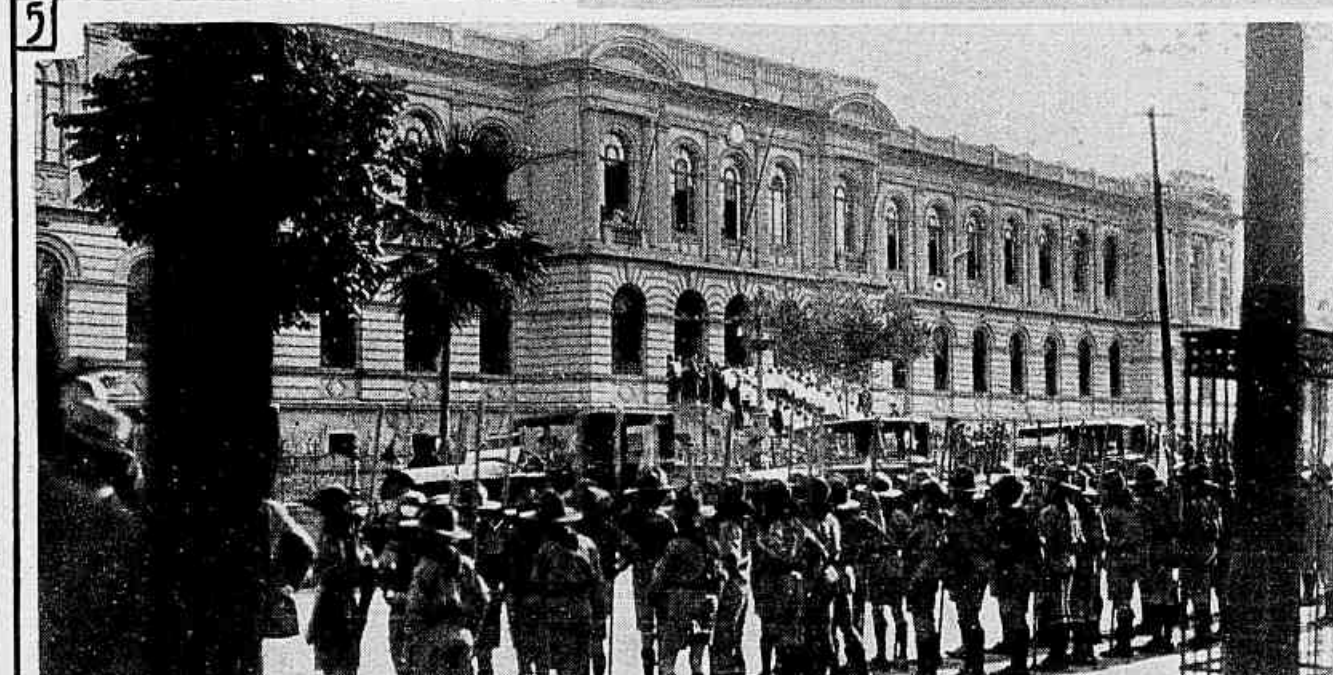
Tailleur de lã beige, cujas tres nervuras do corpete lembram as prégas da saia. Jaqueta e corpete são guarnecidos de crêpe estampado.

Vestido de crêpe da China *bois de rose* aberto sobre um collete de linon branco. Paletot com mangas de *jersey*.

Independence Day

Aspectos tirados no Country Club por occasião da festa de 4 de Julho, realizada pela colonia norte-americana em homenagem á data da independencia dos Estados Unidos.
1 — S. ex. o sr. Edwin Morgan, embaixador dos Estados Unidos, falando aos seus compatriotas sobre a sua data nacional.
2 — Aspecto tirado no *ground* do Country-Club durante os jogos sportivos.
3 — A' hora do *lunch*: a mesa do sr. embaixador dos Estados Unidos, que se vê na gravura, tendo á direita sir Beilby Alston, embaixador da Inglaterra.
4 — O reducto das creanças na festa do *Independence Day*. 5 — As sereias do Country Club.

O PRESIDENTE ELEITO DO PARAGUAY EM S. PAULO

1 — A chegada a S. Paulo do eminente estadista dr. José Guggiari, presidente eleito do Paraguay. Vê-se s. ex. entre o general Teixeira de Freitas, representante do sr. Presidente da Republica, e o dr. Julio Prestes, presidente de São Paulo. 2 — A escolta de cavallaria que acompanhou o sr. Guggiari. 3 — A chegada de s. ex. com o sr. Julio Prestes ao Jardim da Infancia. 4 — S. ex. nas escadarias da Escola Normal com o mundo official. 5 — Outro aspecto da Escola Normal. 6 — No palacio dos Campos Elyseos. Os srs. Guggiari e Julio Prestes, sentados, após o banquete, rodeados pelo mundo official. A' direita do sr. Guggiari os srs. general Teixeira de Freitas e d. Emilio Aceval, ex-presidente do Paraguay; á esquerda do sr. Julio Prestes, o dr. Nabuco de Gouvêa, ministro do Brasil no Paraguay.

NO REINO DO CAFÉ

1 — Na fazenda de Guatapará. S. ex. o sr. dr. José Guggiari, presidente eleito do Paraguay, plantando um caféeiro. 2 — O eminente estadista paraguayo plantando uma mangueira. Ao fundo, os pés de café plantados pe'ossoberanos do Belgica, quando da sua visita a Guatapará. 3 — O dr. José Guggiari em Guatapará colhendo a preciosa rubiacea. 4 — No Hotel Central em Ribeirão Preto: s. ex. falando, no banquete que lhe foi offerecido. A' sua esquerda, o general Teixeira de Freitas, representante do sr. Presidente da Republica; á direita, s. exma. revm. d. Alberto Gonçalves, bispo de Ribeirão Preto. 5 — Na fazenda de Guatapará: s. ex. e o secretario da Agricultura do Estado.

2

3

4

5

NOSSA MESA por Escragnolle Doria

Rir é tão proprio do homem quanto comer lhe é indispensavel. Sacco vasio não se põe em pé, advertiam outr'ora os medicos aos convalescentes, para os tentar a conselhos, abrir-lhes o appetite.

Chama-nos a mesa todos os dias; a sala de jantar é aposento frequentado a diversas horas. Ainda não soou o instante da alimentação scientifica, por simples pastilha, idéa, talvez um pouco gratuitamente demais, attribuida a Berthelot. Na verdade o veneziano Carnaro, cioso da longevidade, pesava alimentos; o que, de reducção em reducção, é meio caminho andado para o regimen da pastilha.

A historia da mesa forma parte bem curiosa da Historia. A tradição dos seculos passados é a da comesaina, resumida popularmente no repetido "morra, Martha, mas morra farta", não se sabendo bem porque foi Martha escolhida para tal genero de morte. Talvez pela fome da rima.

Os povos mais policiados da terra civilizaram-se á mesa diante de montanhas de comida na planicie fragmentada dos pratos.

Todos comem, nem todos sabem comer. Para tanto, para volupias de paladar foi inventada a gastronomia, annexo e requinte da arte culinaria. Iguarias servem de traço de união entre gastronomos e cozinheiros, aquelles mal soffridos com qualquer imprevidencia d'estes.

Mas, em compensação, na prova de manjar saborido, que gozo, quanto cerrar de olhos, que de estalinhos de lingua nos jantares intimos! O bom gastronomo deve ser mansarrão: para elle, engulir isso é sestro de palmipedes. Na bocca do apreciador de comidas finas a saliva tem que revolver antes de envolver, ella na mesa grandes horas.

Passava-as n'ella Luthero, alcunhado pelos contrarios de papa-cerveja da Saxonia, alcunha em que a primeira palavra offerece duplo significado mordaz. A Reforma desceu muito á mesa; Melanchton lh'o exprobrou.

Até a guerra, em imagem, já foi para cima da mesa. N'uma festa dada, em Dublin, por Sir Irvin appareceu á sobremesa a representação em assucar da fortaleza de Gibraltar, sitiada por tropas hespanholas. Copia fiel do rochedo celebre, apresentava-o com as suas baterias. A artilharia dos sitiantes atirava balas de assucar contra as muralhas. Da bolsa de sir Irvin sahiram trinta e tres mil libras para pagar a melosidade bellica.

Nossos colonizadores principaes, os portuguezes — os hespanhoes o foram pelo jugo da usurpação, francezes e batavos o quizeram ser pela manopla da conquista — comiam a bom comer, sempre no grangeio de refeições fartas e na especie não vinham pedir conselhos a comilões de outras terras.

Vinha de cima o exemplo. Não cansemos a vista em laudas de livros eruditos para saber que os reis sempre deram largas ao estomago. E, na lição de monarcas, os subditos de mais posto comiam ou davam de comer regiamente. Festejando o nascimento de um filho de Henrique II, houve bispo de Pariz para dar em Roma um jantar onde appareceram mil pratos de peixes.

Luiz XIV comia simplesmente por quatro e o filho, o Grande Delfim, lhe completava o appetite com estomacal obediencia. Uma indigestão quasi o leva antes do seu fixado dia de morte, após ceia real onde *"il s'était crevé de poisson"* diz Saint-Simon. Não admira que,

Duque de Caxias.

autopsiado, o Rei Sol apresentasse imperial dilatação de estomago.

Não olvidemos a historia patria, sabido quanto na guerra a comida é factor de victoria. Louros querem pão.

Na campanha do Paraguay, o soldado á folgazona caracterisou, conforme Dionisio Cerqueira, os commandos de Osorio, Caxias, Polydoro e do Conde d'Eu pela qualidade da alimentação fornecida.

O nosso soldado raso — raso, mas que tanto nos levantou nas batalhas e combates—dizia em verso de quadrinha:

Osorio dava churrasco
E Polydoro farinha;
O Marquez deu-nos jabá
E Sua Alteza farinha.

Emquanto sobremaneira lusitanizados fomos comilões. Talvez haja quem queira sustentar esta these: o grito do Ypiranga proclamou a nossa independencia da comida portugueza. Gostos e theses ha para tudo n'este valle de lagrimas, inclusive as da banha a escorrer.

Hoje somos mais gastronomos, mais amigos de pratinhos do que de pratarrazes, mais chegados ao epicurismo boccal de Brillat Savarin, do qual os gastronomos de França acabam de celebrar centenario.

Agora o cosmopolitismo vae invadindo a nossa cozinha, substituida a dona de casa e o seu alcorão, o livro de receitas, pelos cozinheiros de varias raças: pelo francez loquaz, de avental e touca branca, pelo chim taciturno cujos olhos fallam muito mais que os labios.

A vida modica de outr'ora, estabilizada essa para felicidade geral, permittia larguezas de cozinha á dona de casa. E' entidade em via de desapparecimento, que ser dona de casa, em muitos casos, consiste em não estar n'ella nunca, ficando o lar confiado á poeira, pois os criados...

A' nossa mesa acudiam dantes com frequencia comidas e doçarias bem nacionaes. De muita panella ao lume sahiu, por exemplo, o angù, complacente massa de farinha de mandioca, especie de pão pastoso, complacente por servir tanto á carne como ao peixe, e muita gente não é nem uma nem outro.

No Rio de Janeiro criou fama o angú de quitandeira, cujo azeite de dendê levava muitos intestinos sensiveis a consultorios medicos e pharmacias consequentes.

A farinha de mandioca ou de milho misturada ao feijão cozido punha agua na bocca de gulosos.

Sempre de prestimo novo, aquellas farinhas ainda iam de mistura com a carne assada ou pisada para se combinar tudo na providencial passoca.

Providencial, sim: o adjectivo não leva exaggeros. Para varar sertões bastavam ao viajante cavallo e passoca, esta o recurso do estomago nos ermos, quente ou fria, durando ingerivel alem de mez.

Não se exgottou ainda o prestimo da farinha de mandioca. Diga-o o vatapá para tantos paladares cobiçada papa, de envolta com a carne ou o peixe, regada pelo oleoso do azeite de dendê e avermelhado ou esverdeado pela pimenta, de fogo á bocca, quer verde, quer encarnada, quer preta.

Ah! esse azeite de dendê, essas pimentas malaguetas, cumari ou do reino, puxavam muita lagrima quando bem carregadas no carurù onde peixe ou camarões repousavam em leito de hervas e quiabos.

Na nossa mesa não socegava o peixe, grande ou pequeno, aproveitados os pei-

General Osorio.

xinhos ou os camarões na moquéca. Muitos só a desejavam com pimenta de chorar, envolvida a iguaria na frescura de folhas de bananeira.

Iam peixinhos á moqueca saboreada ás horas da manjuba, segundo a expressão nortista. Peixes de maior porte mereciam honras de peixada, emula das feijoadas nas quaes a orelha suina vinha a primor.

Animaes e cozinheiros são muito mais parentes do que elles proprios suppõem, aquelles com o dever de morrer, estes com direito de matar. Ah! se os bichos tivessem codigo penal! O leão da fabula desejava pintar para que os homens não continuassem a mostrar-se na téla vencedores de féras.

A' nossa mesa mandava a cozinha, com esmero, leitões, perús e patos, mais ou menos recheiados, com mais ou menos farofa e nenhuma farofia.

Do leitão chasqueavam cozinheiros adornando-lhe o focinho com rodelas de limão espetadas em palitos, dando ao pobre suino o aspecto de porco-espinho com dardos de madeira.

Dispunham os cozinheiros de recursos varios para condimentar a comida, manejando o sal, a pimenta da costa, o pijerecum, o azeite de cheiro, o de dendê, a cebola, a salsa, esta mais de enfeite do que de sabor, qual renda verde de pratos.

Nas provincias, a nossa mesa era caracteristica, apresentando por exemplo o cuxá maranhense, massa de vinagreira, quiabos, farinha de mandioca e gergelim. Tudo bem cozido era despejado sobre o arroz, que tomava o nome de arroz de cuxá.

Não esqueçamos as farinhadas cearenses, o ambrôsô pernambucano, o jembé mineiro, parente proximo do carum, com os seus requintes de lombo de porco salgado, o furrundum paulista, a pamonha de todo o Brasil.

Esta é o conhecido bolo no qual o fubá de milho, tapioca, arroz e mandioca se combinam com o assucar e o leite de vacca ou de coco para gosto particular. A pamonha se não contentou na cozinha, passou para o vocabulario corrente. Quando queremos caracterisar o molleirão ou a molleirona que palavra nos vem logo á bocca? Uma pamonha.

Não foi apenas a nossa mesa rica em comidas chamadas de gordura. N'ella desafiaram paladar doces e fructas, alem de mingáos.

A doceira brasileira merece capitulo especial, louvada a sua pericia, felicidade de tantas linguas, ventura de tantos estomagos. Seria injusto tratal-a de ligeiro.

Deu á nossa mesa um sem numero de guloseimas na apotheose do assucar. Proclamam-lhe a fama os suspiros, os bons bocados, os pés de moleque, a baba de moça, as cocadas, os biscoutos, assucares que não acabam mais.

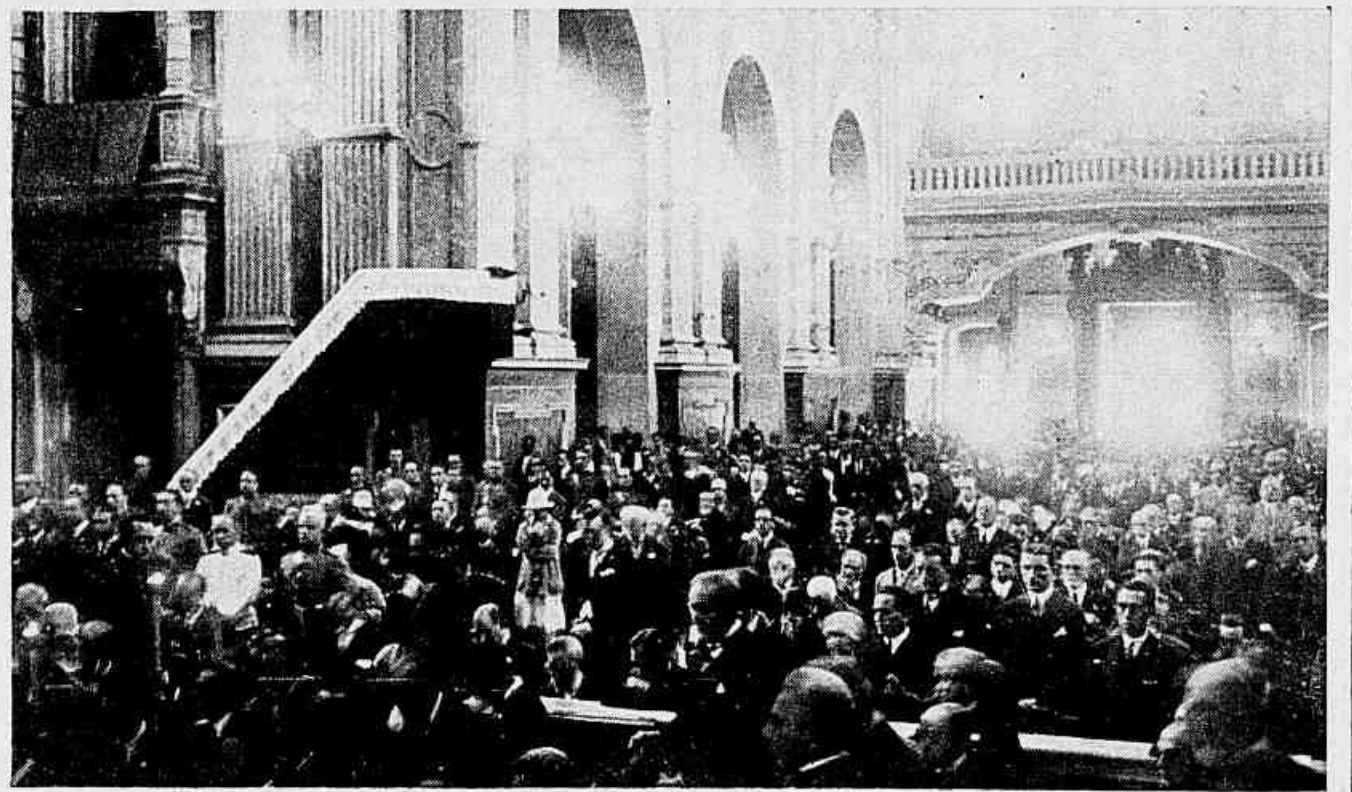
Na arte do doce mostraram-se eximios os conventos de freiras, cousa singular por ser a gula peccado mortal.

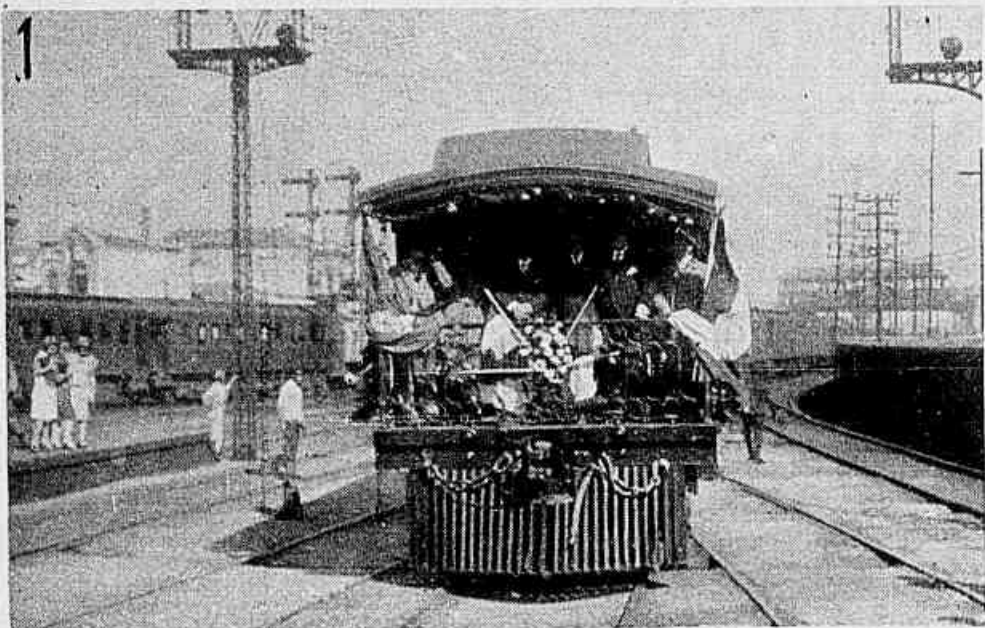
As formosuras das nossa mesa foram as frutas nacionaes, tão admiradas por De Amicis em visita ao Mercado Velho do Rio de Janeiro.

Transbordavam as fruteiras, mesmo na mesa dos mais pobres, consideradas por muitos certas frutas, como o abacate, "comida de porcos". Hoje os abacates vendem-se a dez mil réis a duzia. Leva-nos isso talvez a concluir que os porcos já os desdenham ou então que descemos á sua antiga alimentação.

Decidam os suinos no grunhir de sentenças.

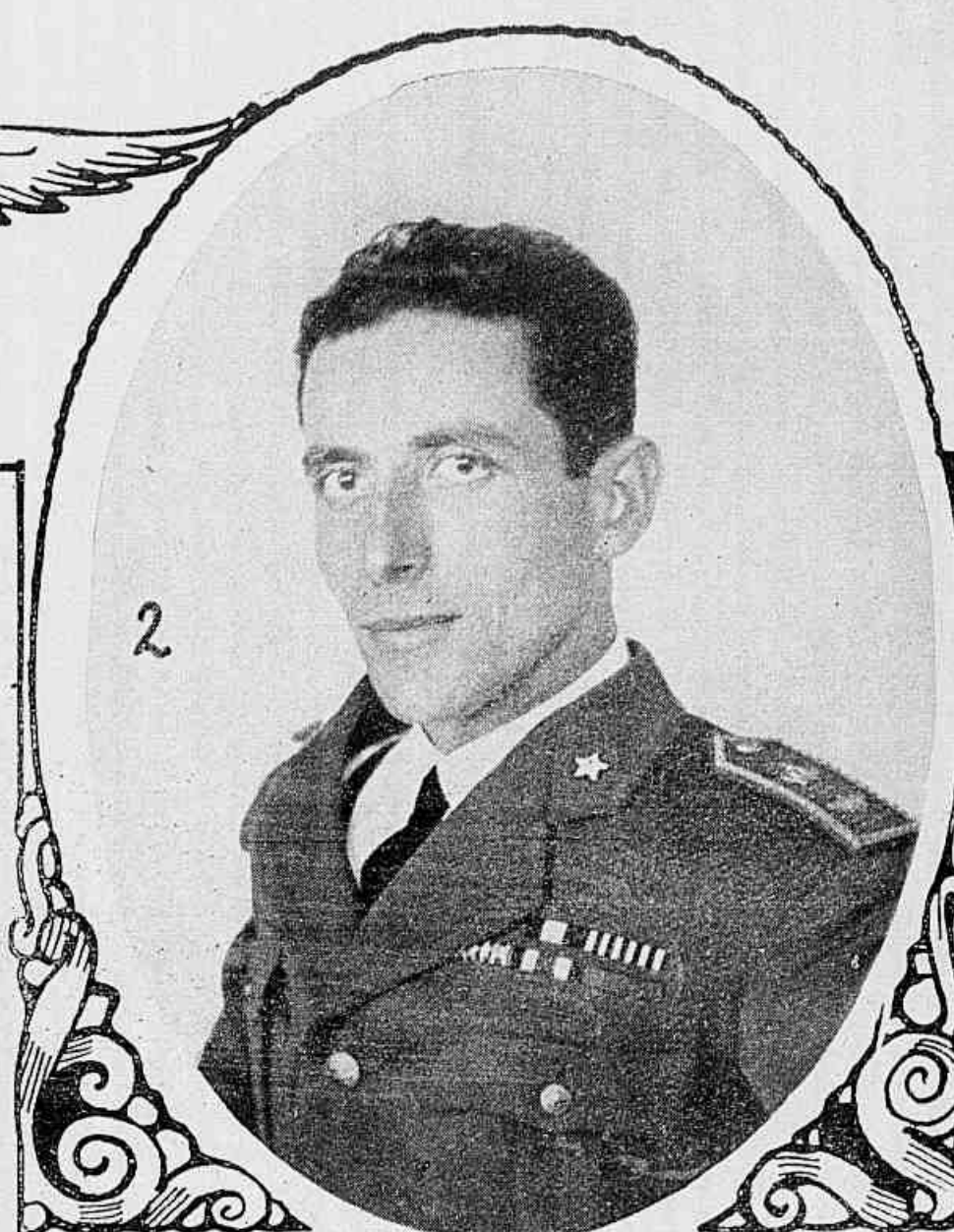
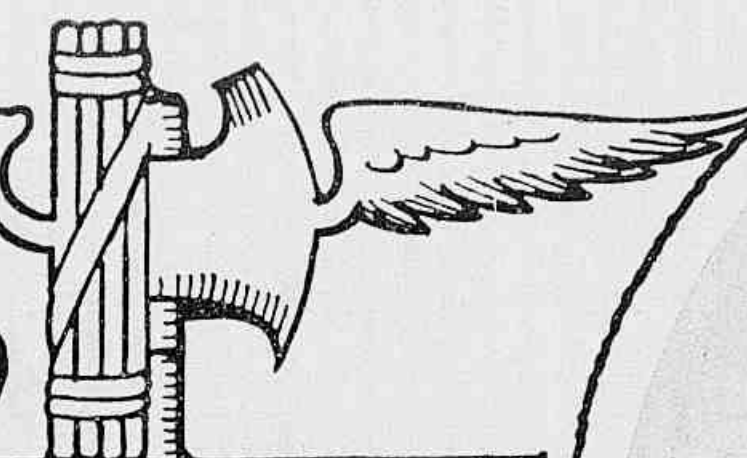
Escragnolle Doria

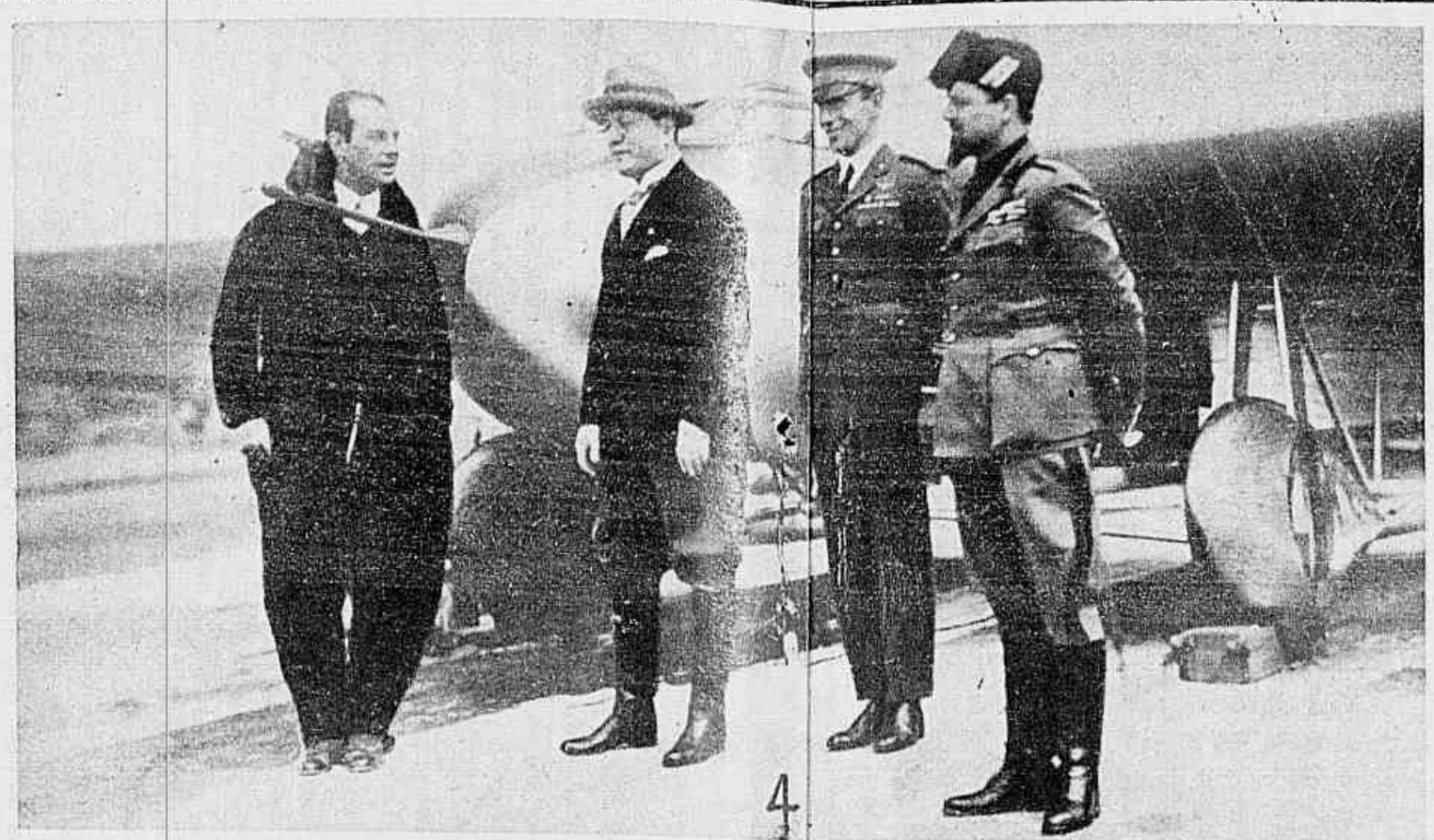
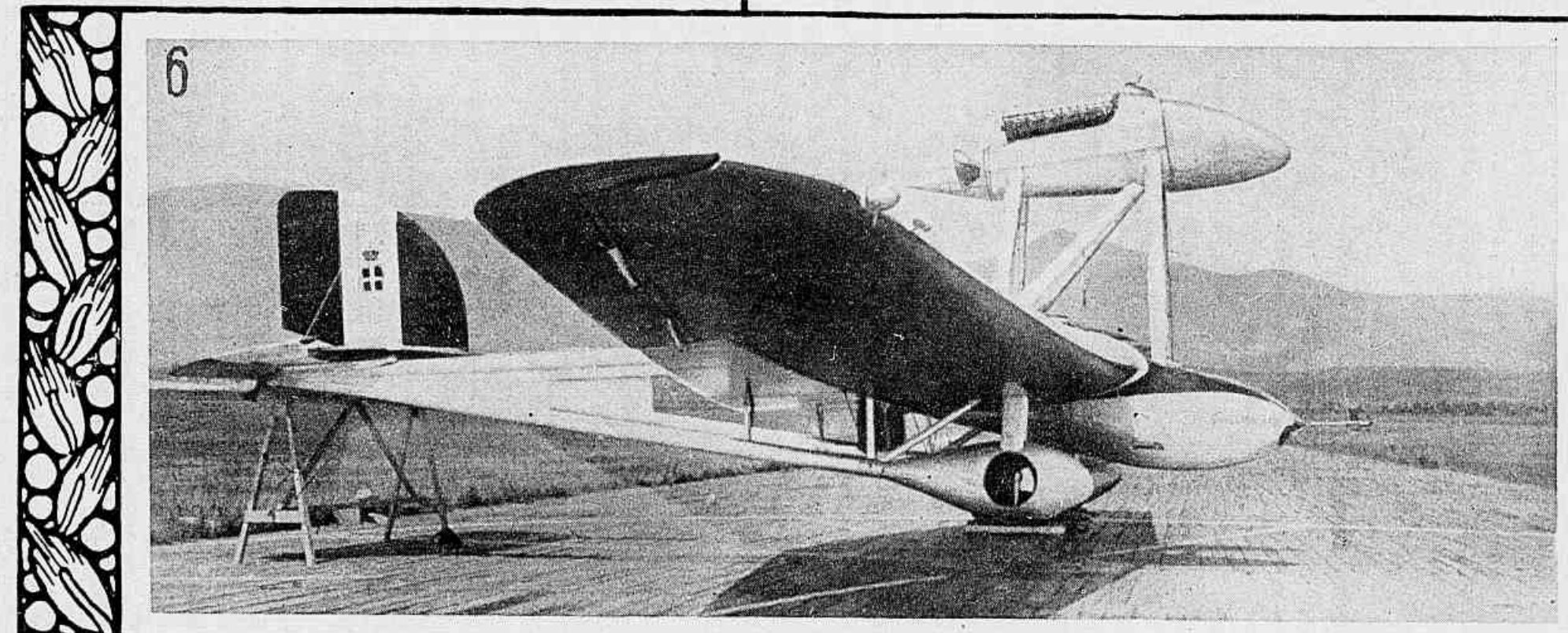
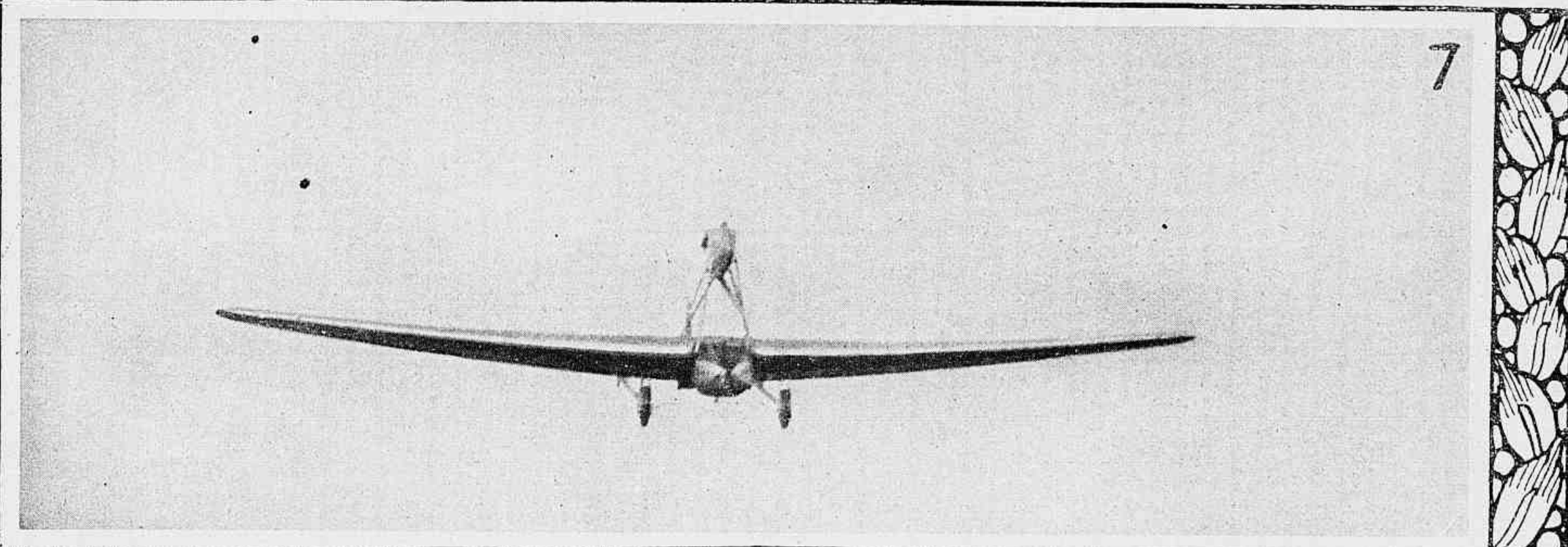
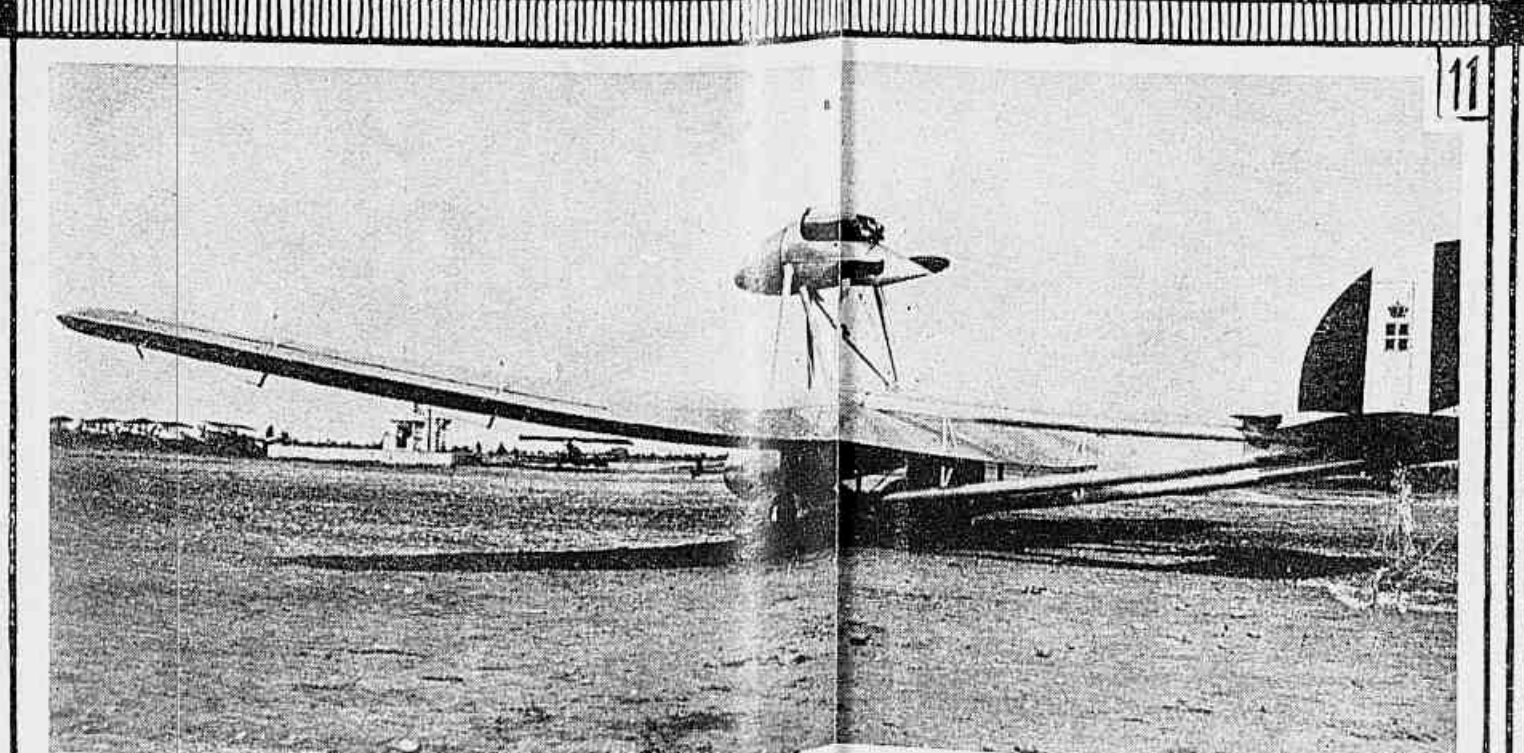
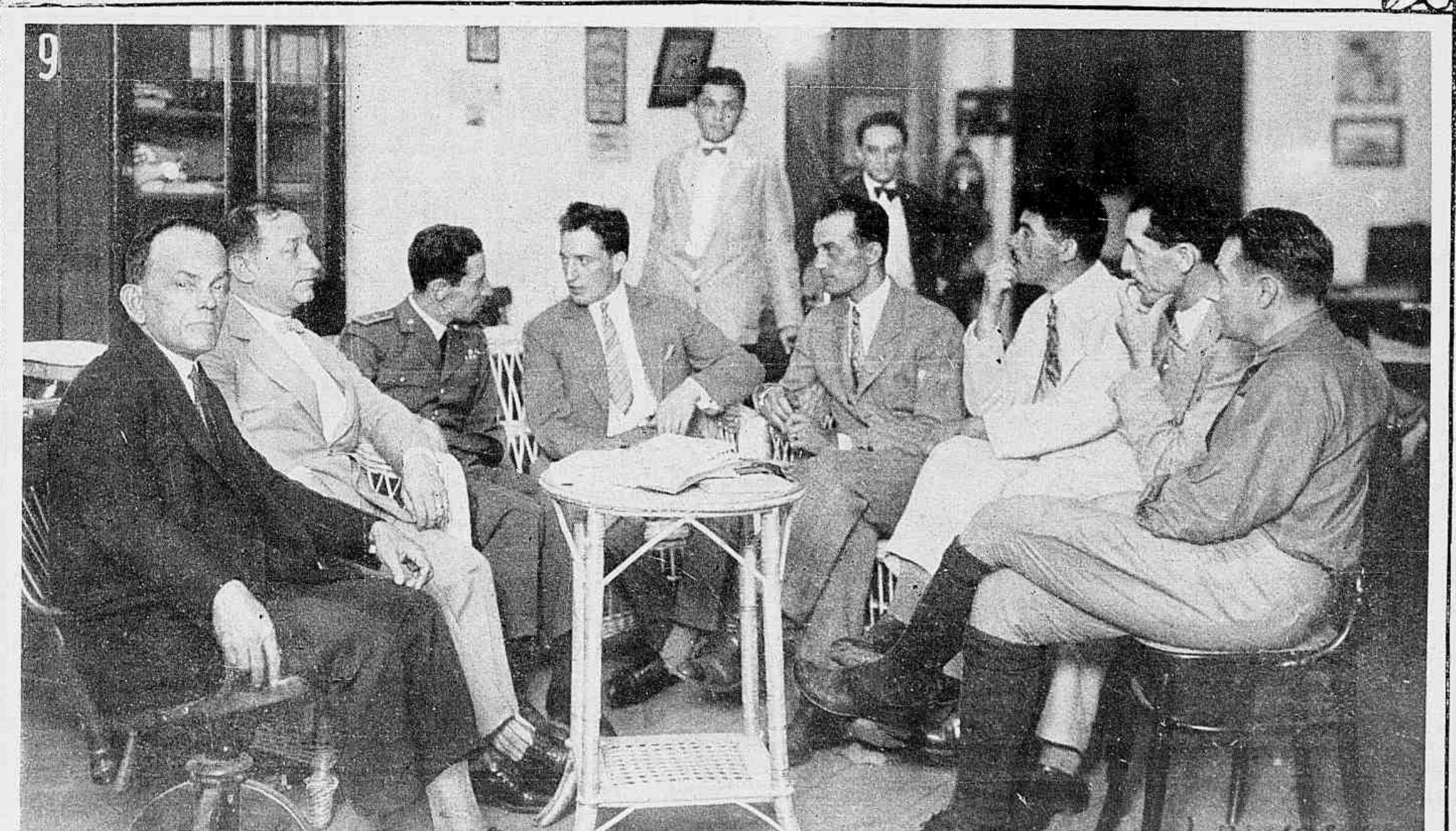
Pelo restabelecimento do Sr. Presidente da Republica

Aspectos colhidos por occasião da missa mandada rezar pelas classes conservadoras em acção de graças pelo restabelecimento do sr. Washington Luís, presidente da Republica. 1 — S. ex. o sr. Presidente saltando do automovel ás portas da igreja da Candelaria. 2 — S. ex. á sahida do templo, tendo á direita sua exma. esposa; á esquerda d. Sebastião Leme, arcebispo-coadjuctor, que officiou, e d. Benedicto, bispo do Espirito Santo, que fez uma allocução brilhante sobre o nosso primeiro magistrado. 3 — Aspecto tirado á sahida da missa. 4 — O interior da igreja da Candelaria durante a missa, que teve o comparecimento do Corpo Diplomatico, ministros de Estado, membros dos Poderes Legislativo e Judiciario e altas personalidades. 5 — Grupo na sachristia da Candelaria. S. ex. o sr. Washington Luís tem á direita sua exma. senhora, d. Benedicto e o deputado Rego Barros, presidente da Camara, e á esquerda d. Sebastião Leme.

O Rio hospeda o Presidente eleito do Paraguay

O Rio de Janeiro hospeda desde a manhã da terça-feira ultima, o eminente sr. dr. José Guggiari, presidente eleito da Republica do Paraguay e uma das mais destacadas individualidades do mundo politico da sua nobre terra.

1 — A chegada do trem que transportou o nosso illustre hospede de S. Paulo ao Rio, ao chegar á gare da estação D. Pedro II. 2 — O presidente eleito do Paraguay na gare, ao desembarcar, rodeado pelas altas autoridades, A' esquerda de s. ex. o sr. senador Emilio Aceval, da sua comitiva, ex-presidente do Paraguay; senador Miguel Calmon; dr. Mello Vianna, vice-

presidente da republica; ministro Octavio Mangabeira; senadores Silverio Nery e Souza Castro e dr. Rogelio Ibarra, ministro do Paraguay no Brasil; á direita de s. ex. os srs. Coriolano de Góes, chefe de Policia; dr. Luiz de Gasperi, da comitiva de s. ex.; general Teixeira de Freitas, chefe da casa militar da Presidencia da Republica, e ministro Vianna do Castello. 3 — S. ex. embarcando no automovel presidencial com o sr. general Teixeira de Freitas. 4 — O automovel presidencial escoltado pelos Dragões da Independencia ao sahir da estação D. Pedro II conduzindo o nosso eminente hospede. 5 — A passagem de s. ex. pela avenida Beira-Mar, em Botafogo. 6 — O palacete da rua de S. Clemente onde o governo hospedou o eminente estadista paraguayo. 7 — No palacete de S. Clemente: o sr. José Guggiari tem á direita o sr. senador Aceval e o ministro Ibarra e á esquerda o sr. ministro do Exterior, dr. Octavio Mangabeira; dr. Carlos Taylor, chefe do Protocollo; dr. Nabuco de Gouvêa, ministro do Brasil no Paraguay; dr. Luiz de Gasperi e major Nicolas Delgado, da comitiva de s. ex. 8 — O sr. José Guggiari, no palacio do Cattete, em visita ao sr. Presidente da Republica. 9 — A chegada do sr. José Guggiari ao Cattete. 10 — S. ex. recebe, ao sahir do palacio do Cattete, a continencia da força do Exercito. 11 — S. ex. á porta do palacio presidencial. 12 — O illustre estadista paraguayo em visita ao sr. ministro do Exterior, no palacio Itamaraty. 13 — No Itamaraty: o sr. O. Mangabeira tem á esquerda os srs. Nabuco de Gouvêa, e Carlos Taylor; á direita do sr. Guggiari, os srs. senador Aceval e dr. L. Gasperi.

AS ASAS DA ITALIA REALIZAM O MAIOR FEITO DA AVIAÇÃO

A proeza de Ferrarin e Del Prete, que voaram de Roma ás terras do Brasil, com o ser a primeira realização do vôo directo sobre o Atlantico Sul, estabeleceu o record mundial da distancia excedendo a todos os feitos até agora realizados da aviação. Não se completou, infelizmente, o intento dos gloriosos aviadores, que se viram obrigados a aterrar em Touros, no Rio Grande do Norte, ao invés de o fazerem na nossa capital. Mesmo assim, a sua façanha sobreleva, e o vôo que realizaram, conseguindo o *record* mundial, enche de gloria immensa as asas da Italia e de orgulho indizivel a raça latina. O Brasil soube recebel-os, no Norte com o carinho e o enthusiasmo de que se tornaram credores; o Rio espera-os, ansioso, para glorifical-os como merecem.

1 — Arturo Ferrarin. 2 — Carlo Del Prete. 3 — O aviador Del Prete e o governador do Rio Grande do Norte, dr. Juvenal Lamartine, em Natal. 4 — Na Italia: Ferrarin, Mussolini, Del Prete e o coronel Balbo, sub-secretario de Estado da Aeronautica italiana. 5 — Os dois heróes do "Savoia-Marchetti" em Natal. 6 — O avião visto de lado. 7 — O "Savoia Marchetti" em vôo. 8 — Os heróes da primeira travessia directa do Atlantico Sul em Natal. O presidente do E. do Rio Grande do Norte tem á direita Del Prete e á esquerda Ferrarin. 9 — Nos escriptorios da Latecoere, em Natal. Da direita para a esquerda, sentados: os srs. Vintila Bogdan e F. Leroux, agentes administrativos da Latecoere; Chaulet, chefe mecanico da Latecoere; capitão Ferrarin; A. Depecker, piloto francez da Latecoere; major Del Prete; Guilherme Letieri, consul italiano, e Siqueira, agente commercial da Latecoere. 10 — O graphico do grande vôo. 11 — Outro aspecto do glorioso avião italiano.

ANNIVERSARIOS

No dia 14 — as senhorinhas Herminia Costa Simões, Moema de Miranda, Hilda Ferreira e Maria de Lourdes Paula Pessôa; o eminente esculptor Henrique Bernardelli; o marechal Ferreira do Amaral; o commendador Antonio Peixoto de Castro; os drs. Couto Ferraz Netto e Carvalho Guimarães.

No dia 15 — a sra. Rosalina Coelho Lisbôa Miller, figura de relevo na sociedade, escriptora e poetisa de brilhantes dotes; as senhorinhas Ivonne de Faria, Juracy Miranda e Naddy Costa Pinto; o deputado Mauricio de Medeiros.

No dia 16 — as sras. Aryna Fragoso Moutinho, esposa do dr. Alvaro Moutinho, Otto Prazeres e Lucinda Carneiro Ferreira; as senhorinhas Maria Esther Irarrazaval Zanartu, Olga Faria Cessent e Aida Ribeiro da Costa; os drs. Joaquim Pires Ferreira e Patricio Ribeiro de Faria.

No dia 17 — a sra. Alice G. Fonseca; as senhorinhas Corina Principe da Silva, Maria Guida e Amelia Ferreira dos Santos; monsenhor Gonzaga do Carmo; o commendador Domingos Lourenço Ferreira; os drs. Candido Mello Leitão e José Pereira Rebouças.

No dia 18 — a generala Gomes da Silva; as sras. Elvira Borlido Dyott, Olga Gaspar Antunes; as senhorinhas Dóra da Costa Britto, Djanira Principe da Silva, Maria de Lourdes Tavares de Lyra, Rita Brandt Paes Leme, Alda Pereira Pinto e Germana de Oliveira Castro; os drs. Barros de Figueiredo e Itamar Tavares; a menina Maria de Lourdes, filha do sr. Oscar Ferreira da Silva; o sr. Otto Schilling, conceituado commerciante desta praça.

No dia 19 — as senhoras Machado Portella, Carlos Alberto Franco e Laura Parodi Lima; as senhorinhas Maria Magdalena Guimarães e Laura Novis; os drs. Godofredo de Mattos, Ruy Vaccani e Francisco de Paula Oliveira; o commendador Gonçalves Netto, o coronel Julio Edmundo Bailly; o sr. Adão da Costa Lima, da administração do "Jornal do Commercio"; o escriptor hespanhol José Vicente Payá.

No dia 20 — as sras. Carminda Freitas Barretto, Clarisse Lages, Izaura Moraes, Laura Abrantes Pinto e Herminia de Souza Assis; senhorinhas Maria Ophelia Maurell, Maria Luiza de Vasconcellos, Glorinha de Frontin e Maria Augusta Figueiredo Lima; os drs. Francisco Siqueira de Andrade, Luiz Rodrigues de Queiroz, Eurico Pacheco e Alberto Alves; o deputado Bento de Miranda, o desembargador Francisco Xavier Reis Lisbôa; ss. exx. revmas. o arcebispo d. Joaquim Silverio de Souza e o bispo dr. Alberto Gonçalves.

NOIVADOS

— a senhorinha Odette B. Seabra de Mello e o sr. Walter Baptista;

— a senhorinha Ruth Baptista Magalhães e o sr. Luiz Carneiro;

A brilhante declamadora sra. Francesca Nozieres, que dará na tarde de terça-feira 17, no Instituto Nacional de Musica, um recital, que se espera anciosamente.

— a senhorinha Maria Margarida Bastos e o sr. Antonio Ramos de Oliveira;

— a senhorinha Izabel Rosa Freire e o sr. Francisco Solano Vieira;

— a senhorinha Maria de Lourdes Sá Pereira e o sr. Galba Tristão;

— a senhorinha Dulce Pires e o sr. Jorge Beltrão.

CASAMENTOS

— a senhorinha Beatriz de Jesus Carvalho e o sr. Turbio Augusto Neves;

— a senhorinha Ilka Teixeira e o sr. Irineu Pinto de Araujo Correia Junior;

— a senhorinha Helena da Silva Carneiro e o sr. Adahyl Thomé Cordeiro;

— a senhorinha Marianna Dutra de Oliveira e o sr. Arnou Ottoni de Toledo;

— a senhorinha Belaurea Risa Sebastião e o sr. Nicanor Paula Silva Porto;

— a senhorinha Ruth de Mattos e o sr. Salvador Garofalo.

— a senhorinha Nadyr De Maria e o sr. Gumercindo S. de Oliveira Penteado, em São Paulo.

DIPLOMATAS

Esteve muito bella a recepção de domingo ultimo que o illustre conde Déjean, embaixador da França no Brasil, offereceu, nos elegantes salões do Hotel Gloria, ás altas autoridades, ao corpo diplomatico e á sociedade brasileira.

*

O embaixador da Argentina e a distinctissima senhora Mora y Araujo déram segunda-feira ultima, no aprazivel palacete do Senador Vergueiro, formosissima recepção, festejando assim, cercados do elemento mais brilhante da sociedade, a data da independencia de seu paiz.

*

Partiu para Paris o barão de Maricourt, secretario da embaixada de França. O distincto viajante seguiu pelo *Aurigny*, indo a seu paiz em goso de férias.

*

O dr. Octavio Mangabeira, ministro das Relações Exteriores, offereceu quinta-feira ultima, no palacio Itamaraty, um grande baile em honra do dr. José Guggiari, presidente eleito do Paraguay.

Para esse baile, que se revestiu de brilho excepcional, foram convidadas as altas autoridades, o mundo diplomatico e o nosso grande-mundo.

Houve em tudo uma nota de grande distincção e elegancia, tendo tido o bello palacio Itamaraty seus ricos salões regorgitantes de gente illustre e fidalga.

OS QUE VIAJAM

Deixaram o Rio. — o dr. Epitacio Pessôa, juiz da Côrte Internacional de Justiça, para a Europa, acompanhado de sua esposa; o dr. Salles Junior, e familia, para S. Paulo; o deputado Mattos Peixoto, para o Ceará, afim de assumir o governo d'aquelle Estado; o senador João Thomé, com destino ao Ceará; os drs. Thomaz e José Accioly, tambem para o Ceará.

Chegaram ao Rio: — o dr. José Furtado Belleza, que regressou de sua excursão scientifica aos estados do norte do Brasil; o dr. Archimedes de Oliveira, procedente de Pernambuco; o dr. Caio Prado; o dr. Octavio Rodrigues, que regressa do Pará; o dr. Rodolpho Ernst chegado da Allemanha; o dr. Adhemar Tavora, procedente de Belém; o dr. Paulo Parreiras Horta, que regressa de Roma onde representou o Brasil no Congresso Internacional do Frio.

MUSICA

Com attrahentissimo programma e salão lindamente concorrido, realizou o seu recital, sabbado ultimo, a cantora Tina Vitta, que foi vivamente applaudida.

NA FEIRA DE AMOSTRAS

Os espectaculos do Salão de Arte na Feira de Amostras são neste momento a grande attracção mundana da gente elegante da cidade.

Como é sabido, esses espectaculos são todos em beneficio da Pró-Matre.

Diariamente se veem realisando ali tardes e noites de arte. Tomam parte nesses programmas elementos de nossa sociedade sendo executados numeros de violão, canto e dansas classicas pelas alumnas das professoras Naruna Corder e Klara Korte.

Emfim, as tardes e noites passadas no Salão de Arte da Feira de Amostras são verdadeiramente deliciosas.

Senhora Irene da Cunha Bueno Junior, figura de relevo na sociedade paulista e que, dotada de linda voz, tem sido applaudida com enthusiasmo em varias reuniões artisticas.

BAILES

Esteve formosissimo o baile que o veterano Club Regatas Flamengo realizou sabbado passado em sua séde, para festejar a passagem do seu 29º anniversario.

Os salões do querido club estiveram concorridos e animados até pela madrugada.

CARNET

Meu amigo:

Renan disse que a primeira condição para o desenvolvimento do espirito é a sua liberdade.

Tem razão, porque só o espirito liberto é capaz de ser sincero e evoluir; a escravidão nullifica ou estaciona os maiores ideaes.

A liberdade é o contrôle das creaturas, pela responsabilidade que impõe e pela ausencia do prohibido, que é o motivo maior de tentação.

Quem tem o direito de agir age com prudencia e acaba comprehendendo o valor de cada cousa. Quem não tem personalidade soffre o mal das influencias alheias e suggestiona-se facilmente.

Toda liberdade é relativa, mas nessa relatividade está fixada a nossa evolução.

Ha prisioneiros das suas proprias almas, da pequenez dos seus instinctos, da miseria dos seus sentimentos; mas ha tambem espiritos que têm asas de condor e que só a noção exacta do seu destino faz renunciar aos vôos infinitos.

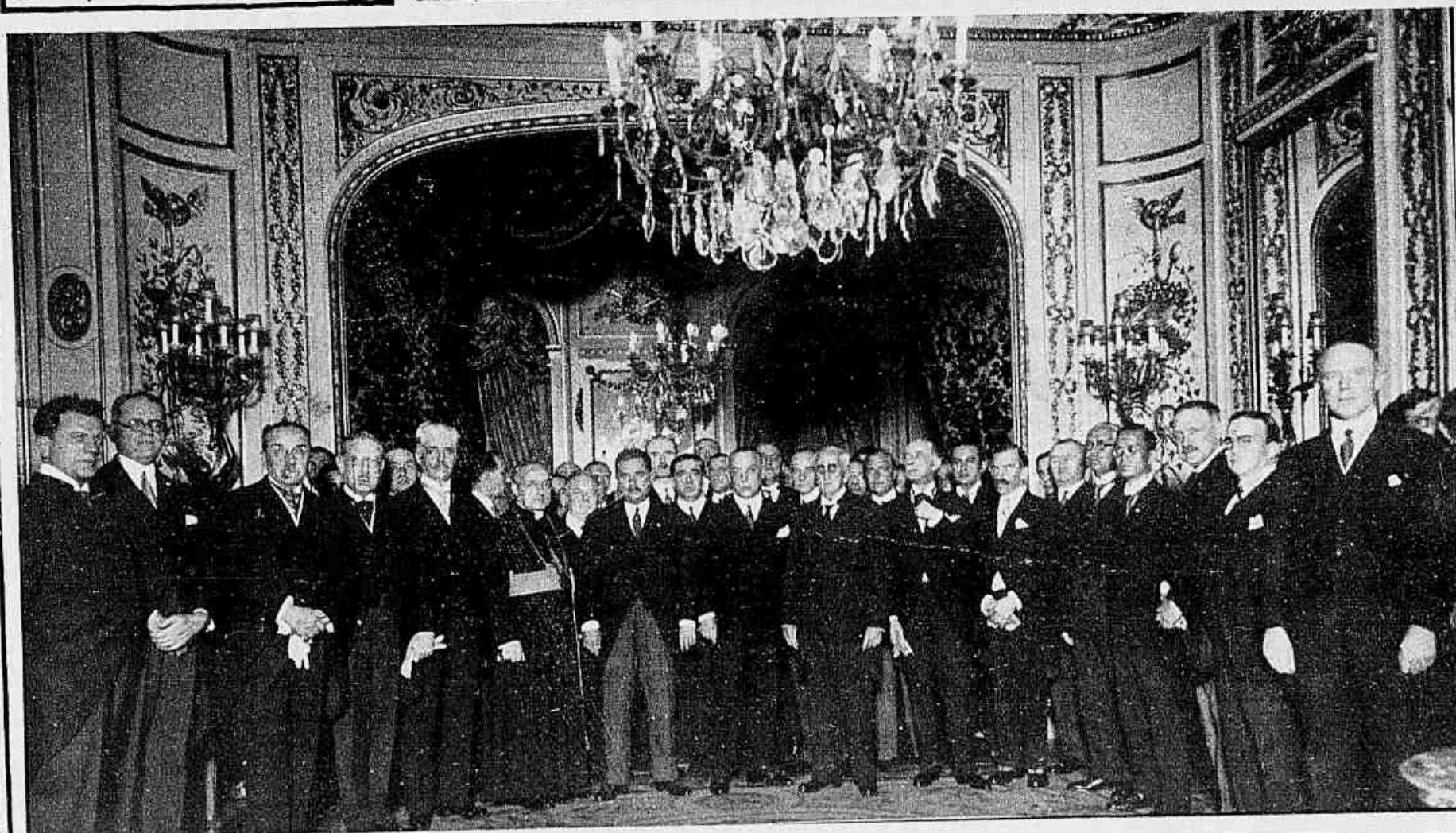
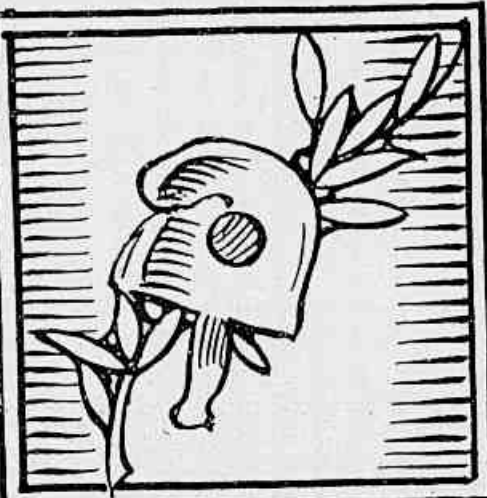
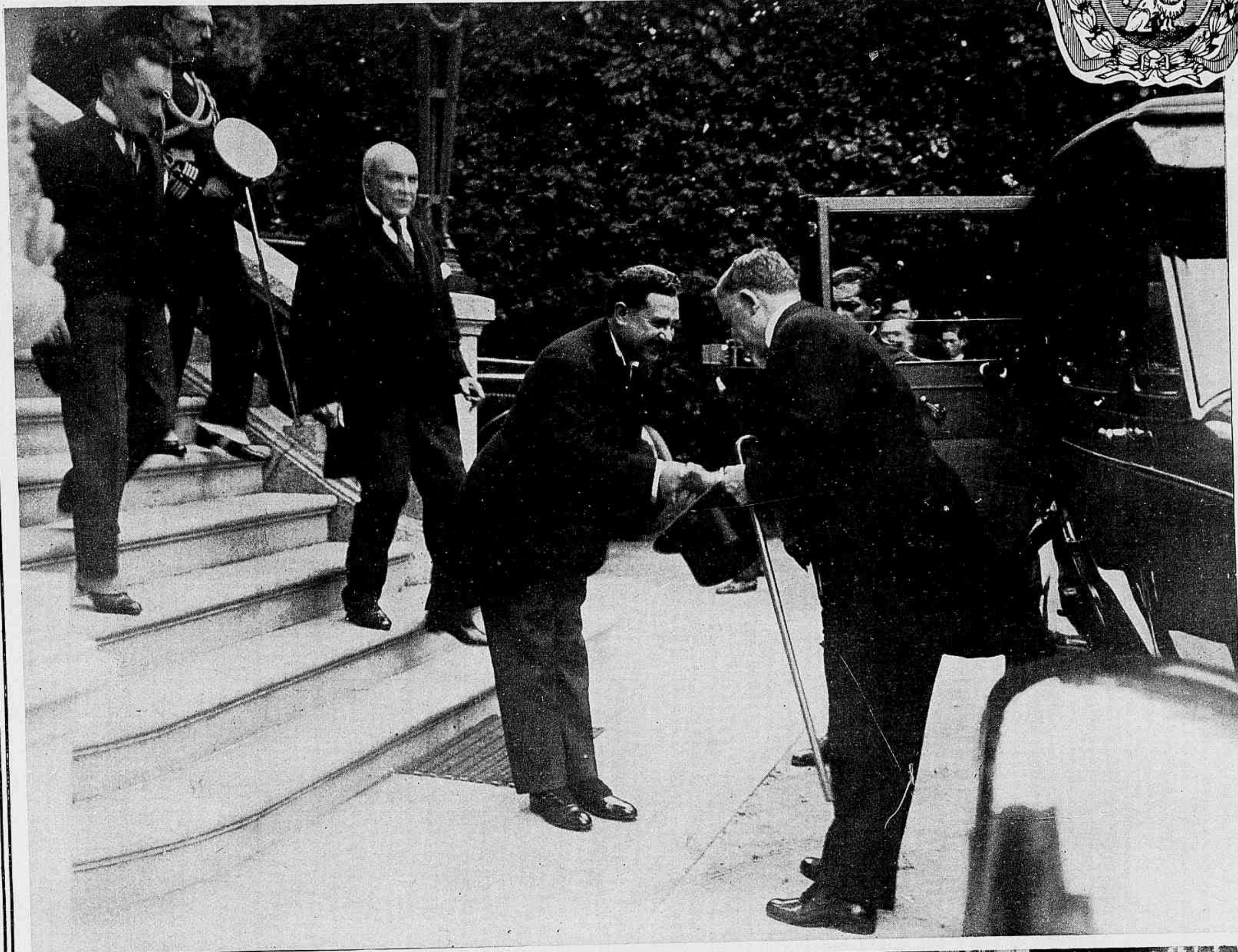
Entretanto, meu amigo, você sempre me diz que conhece cadeias bem suaves, feitas de filigranas de sonhos e que valem mais que todas as liberdades reunidas.

Será isso uma verdade? Diga-o sinceramente á sua amiga

Maria de Lourdes.

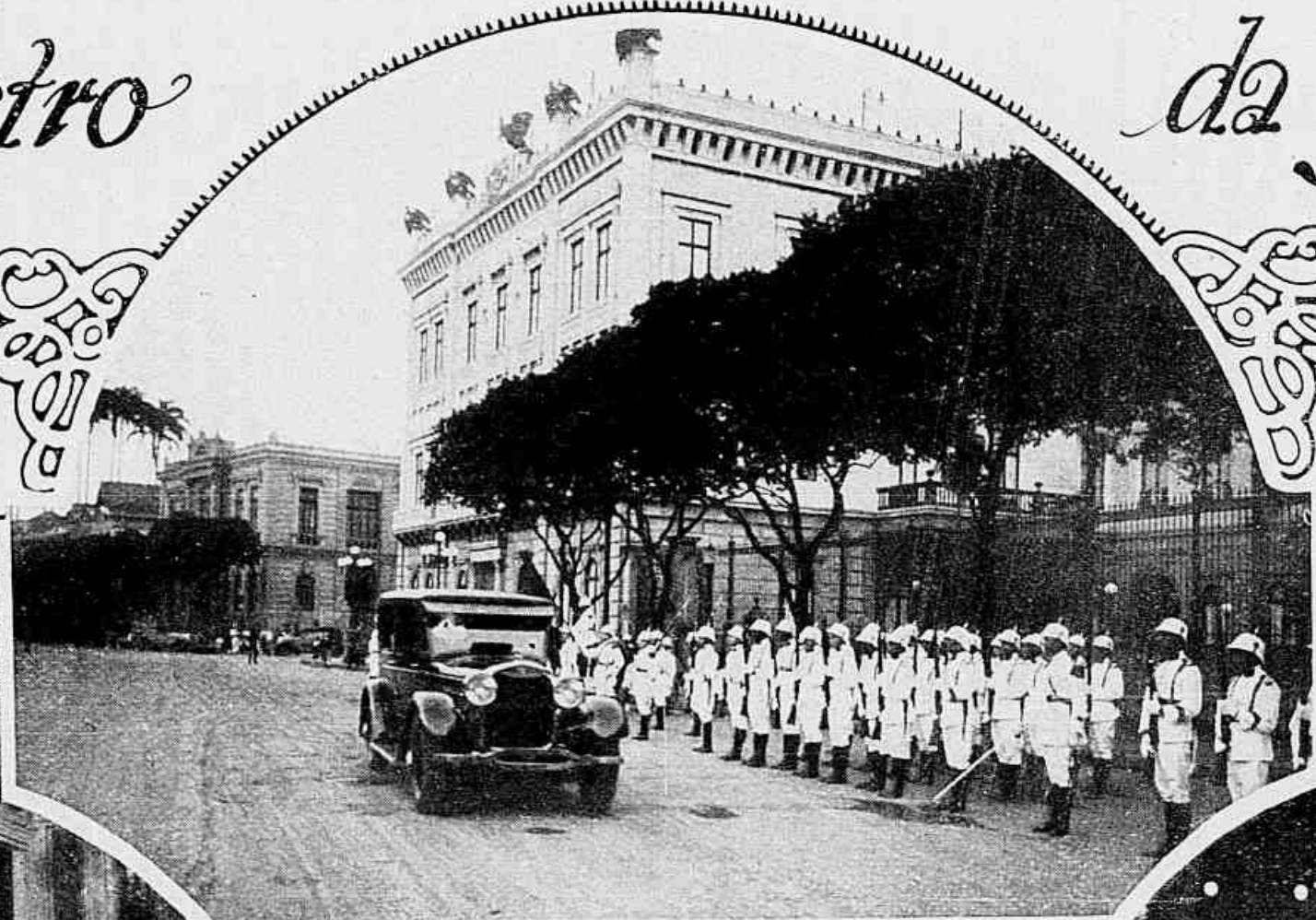
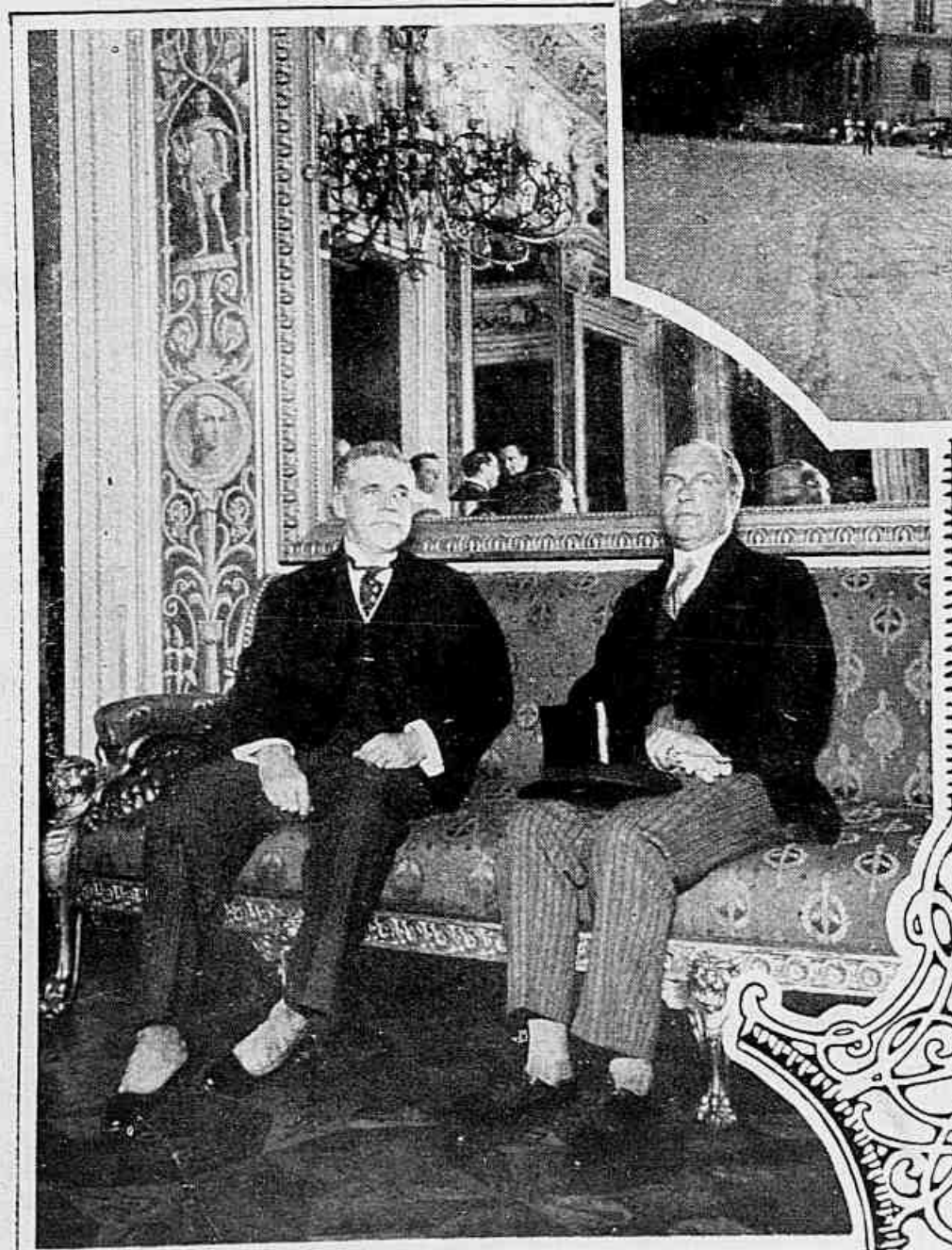
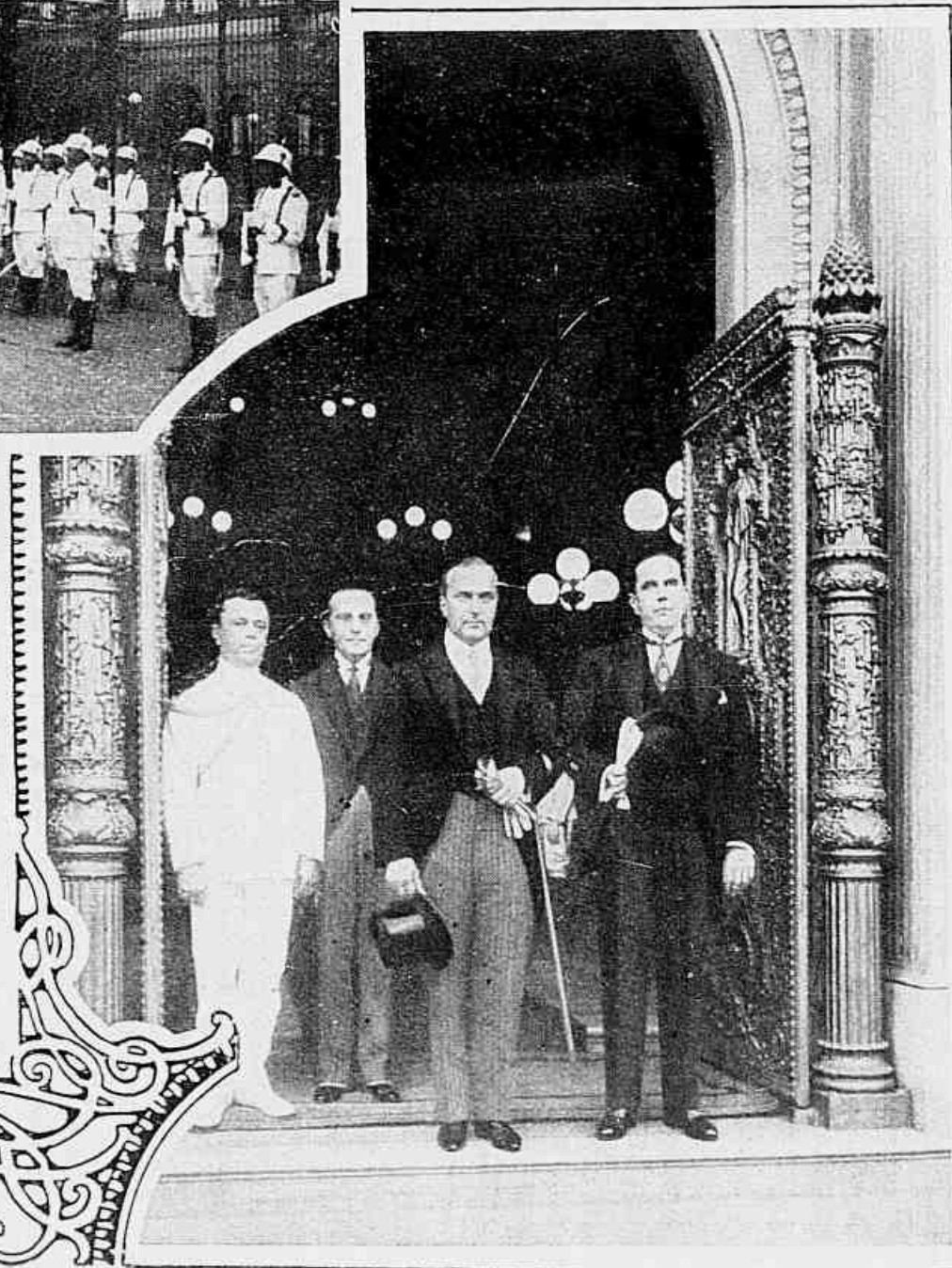
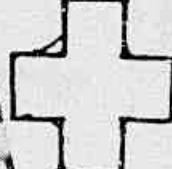
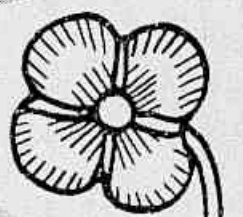
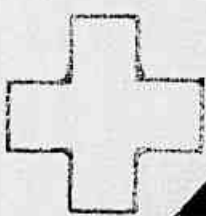
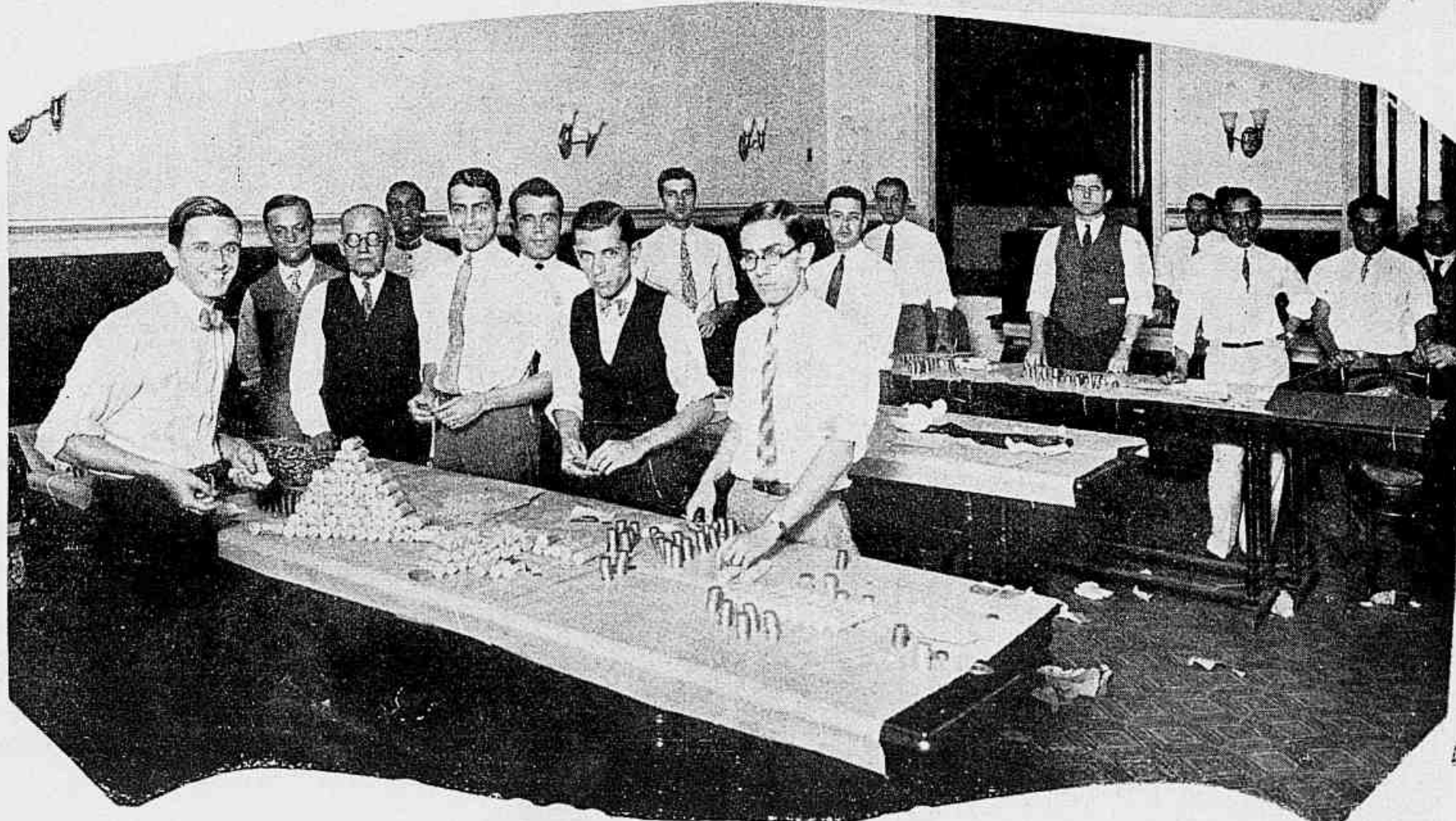
Grupo de pessôas que tomaram parte no banquete offerecido pelo sr. embaixador do Japão, na séde da embaixada, ao eminente scientista dr. Juliano Moreira e sua esposa, em razão da sua proxima visita ao grande imperio do Oriente onde, a convite da Faculdade de Medicina de Tokio, realizará uma série de conferencias. Ao centro do grupo, sentada, a senhora Juliano Moreira, tendo á esquerda a senhora Akyra Ariyoshi, embaixatriz do Japão. De pé, ao centro, o sr. embaixador do Japão, tendo á direita o dr. Juliano Moreira e á esquerda o dr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha.

AS VISITAS DO CHEFE DA NAÇÃO E DO CORPO DIPLOMATICO

PAZ Y JUSTICIA

S. ex. o sr. dr. José Guggiari, presidente do Paraguay, recebeu, em retribuição, no palacete de S. Clemente, onde o governo o hospedou, a visita do sr. Presidente da Republica e, a seguir, a do Corpo Diplomatico. 1 — O nosso illustre hospede despedindo-se do sr. Washington Luís, presidente da Republica, no palacete da rua S. Clemente. 2 — Grupo tirado durante a visita do sr. Presidente da Republica ao dr. José Guggiari, presidente eleito do Paraguay. O sr. Washington Luís tem á esquerda o eminente estadista paraguayo e á direita o senador Emilio Aceval, da comitiva de s. ex., ex-presidente do Paraguay. Vêem-se na photographia os outros membros da comitiva, as casas civil e militar da Presidencia e os ministros do Brasil no Paraguay e do Paraguay no Brasil. 3 — O Corpo Diplomatico em visita a s. ex. O sr. José Guggiari tem á direita monsenhor Masella, nuncio apostolico, e á esquerda o sr. Edwin Morgan, embaixador dos Estados Unidos. Vêem-se na gravura os srs. embaixadores da Italia, Chile, Argentina, Portugal, Belgica, Inglaterra, Mexico, Japão e França, e os srs. ministros da Colombia, Allemanha, Paraguay, Hungria, Rumania, Venezuela, Uruguay e Equador.

O Presidente no Supremo Tribunal

Ao alto: s. ex. o sr. Presidente da Republica ao chegar ao Supremo Tribunal Federal, afim de agradecer as demonstrações da nossa maior Côrte de Justiça quando da recente enfermidade de s. ex. O sr. Washington Luís ao saltar do automovel presidencial é recebido pelo secretario do Supremo Tribunal. Ao lado: o sr. Presidente da Republica entre os srs. ministros Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal, e Leoni Ramos, e rodeado por todos os ministros da Altissima Côrte de Justiça, com excepção do sr. ministro Pedro Mibielli, que não compareceu á sessão.

O 1º Ministro da Hungria

Aspectos tirados por occasião da entrega de credenciaes do primeiro ministro residente da Hungria no Brasil, sr. Albert Haydin de Ipolynck. A' esquerda, o illustre diplomata hungaro no palacio do Cattete, em companhia do sr. Washington Luis, presidente da Republica. Ao alto: a Companhia do Exercito que prestou as continencias do estylo a s. ex. A' direita: o sr. ministro da Hungria ao sahir do palacio presidencial, tendo á esquerda o dr. Carlos Taylor, director do protocollo do Ministerio do Exterior, e á direita os dr. Mendes Gonçalves e comm. Braz Velloso, das casas civil e militar da Presidencia.

Flôr do Manacá

A cidade teve no sabbado ultimo, pela primeira vez, o dia da "Flôr do Manacá", instituido em beneficio da *Pró-Matre*, a grande instituição credora, pela sua benemerencia, do apoio incondicional de todos. Esse apoio, não o negou o nosso povo e a *Pró-Matre* viu coroado do melhor e mais justo exito a "Flôr do Manacá" que floriu lapellas e toilettes femininas. Digna entre as mais dignas instituições, a *Pró-Matre* conta com a veneração geral. Nas nossas gravuras vêm-se varios grupos de *vendeuses*; instantaneos de alguns "assaltos", entre os quaes o feito a d. Pedro Eggerath, archi-abbade de S. Bento, e, finalmente, a contagem dos óbolos pelos auxiliares do Banco Canadense do Commercio, na Associação dos Empegados no Commercio,

NOTICIAS E COMMENTARIOS

Julieta Telles de Menezes

O Theatro Municipal de São Paulo teve, ha pouco mais de um mez, uma encantadora noite de arte, durante a qual a brilhante e laureada cantora patricia sra. Julieta Telles de Menezes interpretou um maravilhoso programma, todo de musicas sul-americanas. Em homenagem ao Uruguay — onde, da sua visita, obteve os mais assignalados triumphos — a senhora Telles de Menezes repetirá no Rio de Janeiro o lindo programma que apresentou em São Paulo, no qual figuram, com os brasileiros, autores do Uruguay, Argentina, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia e Equador, quasi todos em primeira audição.

Bem quizera a notavel cantora brasileira realizar essa festa de arte em 18 do corrente ou 25 de Agosto, datas caras ao Uruguay; não o podendo fazer entretanto, pela não obtenção do Theatro Municipal em qualquer desses dois dias, a senhora Telles de Menezes dará o seu recital no proximo dia 28, ás 9 horas da noite.

Annunciando essa noite de musica, que se tornará inolvidavel, a "Revista da Semana" não errará affirmando que a brilhante artista do canto terá opportunidade de mais uma vez triumphar, com o condão da sua voz de extremas doçuras e seducção, tão justamente louvada pelos nossos criticos de arte como pelos dos paizes extrangeiros em que a sra. Julieta Telles de Menezes foi, com razão, a embaixatriz sonora do Brasil.

A visita á Feira de Amostras pelas varias associações de classe, a convite, vendo-se os representantes das seguintes: Sociedade Nacional de Agricultura, Associação Commercial desta capital, Centro Industrial do Brasil, Camara Internacional de Commercio, Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão, Associação Commercial Teuto-Brasileira, Liga do Commercio, Centro do Commercio e Industria, Club dos Bandeirantes, Rotary Club, Camaras de Commercio Franceza, Americana, Belga, Hespanhola, Italiana e Portugueza.

A distincta cantora sra. Julieta Telles de Menezes

Os preparativos para a proxima reunião, nesta capital, do 3°. Congresso Odontologico Latino-Americano caminham com todo o enthusiasmo. De todos os pontos da America chegam constantemente valiosas adhesões, o que faz crêr tenha o mais completo exito o proximo conclave. A photographia que reproduzimos foi tirada na Estação da Central, em Juiz de Fóra, por occasião da chegada, áquella importante cidade mineira, da commissão organizadora do referido congresso que foi installar o comité incumbido da propaganda daquella reunião scientifica numa extensa zona do Estado de Minas Geraes. Vê-se no primeiro plano, ao centro da gravura, o nosso prezado collaborador dr. Alexandrino Agra, presidente da Associação Central Brasileira de Cirurgiões Dentistas, que chefiou aquella commissão.

Feminismo triumphante

Mrs. Pankhurst, a celebre agitadora ingleza, fallecida recentemente. Photographia tirada em 1914 por occasião de uma das muitas prisões da precursora do suffragismo.

Surge um novo emprego da actividade feminina, desconhecido até hoje no Rio de Janeiro: uma empresa nova de autoomnibus mantém nos seus vehiculos recebedoras de passagens, ao invés dos cobradores que todas as demais apresentam.

As adeptas das theorias da finada Mrs. Pankhurst satisfazem assim o seu ideal, concorrendo com o homem no emprego

A SORTE DE POIRET

Se me fosse dado escolher outra vocação e optar por differente profissão que não o culto das musas, tendencia egoista e exclusiva por sua propria natureza, creio que procuraria ser uma serva, uma escrava das modas, não por mim, mas pelo gesto, pelo adoravel prazer de vestir e enfeitar as de meu sexo.

Causa-me inveja a sorte de Poiret, um dos maiores, um dos mais talentosos costureiros parisienses. Não porque seja um nababo, nem porque seja um homem universalmente conhecido, mas sim porque é querido e admirado pelas descendentes de Eva, e porque o seu nome anda nos labios de todas as mulheres elegantes, finas e formosas.

Não ha nada que mais me faça enciumar do que essa deliciosa supremacia. Os vestidos de Poiret! O gosto admiravel de Poiret! As sedas, as rendas, as fitas, as ineffaveis combinações de côres e tecidos, adornos e estylos, do grande costureiro! Para conquistar para mim a gloria de taes elogios, de taes referencias, que não daria eu?

Ter a sorte de Poiret! Vêr os meus modelos, talvez desgraciosos quando dependurados de manequins mortos ou envolvendo os contornos rigidos, puramente commerciaes, de manequins vivos, realçados em seu gosto e belleza, em sua graça e riqueza, vestidos pelas mais encantadoras creaturas de todas as partes do mundo! Nem a gloria de Napoleão ou de qualquer outro super-homem; nem a notoriedade de Mme. Curie ou de qualquer outra super-mulher poderão valer a notoriedade e a gloria do costureiro famoso...

No que digo não ha sombra de exaggero. Daria tudo para merecer esse insigne favor, tão doce, tão embriagante que talvez o proprio Poiret não o saiba aquilatar em suas brilhantes facetas de pedra preciosa. Dominar no mundo pelo renome da Vaidade e da Moda, do Bom Gosto e da Frivolidade! Amabilissima espectativa! Passar pelas ruas, a pé ou de automovel, e ser apontada pelos rosados dedos de seductoras huris americanas ou européas: — Olhem! Lá vae a grande costureira Fulana... — Honra superior á de ser indicada de outro modo, por mais lisonjeiro, por mais magnifico que fosse...

Se quem passa é o notavel poeta, o fino humorista, o moderno romancista, o brilhante pintor, o elegante diplomata ou o soldado invicto, é natural que o homenageado sinta transbordar em si a onda do amor-proprio acariciado. Talvez qualquer desses desdenhe a sorte de Poiret. Talvez tenham todos muchochos de desdem e desgosto, ante a vocação futil do costureiro, a sua inclinação frivola pelas exhibições de rendas, fitas, sedas e perfumes. Talvez riam ao ridiculo, ao reputado ridiculo de vêl-o azafamado, a borboletear pelas salas luxuosas de seus armazens, indo de fregueza para fregueza, os dedos pollegar e indicador em annel, gabando, exalçando a superioridade de seus modelos, ao desfilar dos escolhidos manequins. Talvez...

Quanto a mim, por menos que pese a minha opinião, não invejo a gloria de nenhum. Não me enciuma a sorte das notabilidades da penna, do pincel, do escopro, do cinema, do bisturi e quejandas. O que me causa inveja é a sorte, a formidavel sorte de Poiret!

MARINA COELHO CINTRA

O momento artistico

1 — O brilhante pintor portuguez Alves Cardoso entre artistas, senhoras e senhorinhas, no Gabinete Portuguez de Leitura, onde se acham em exposição as suas soberbas telas. 2 — O pintor russo, modernista, Lasar Segall e as pessôas que assistiram á inauguração da mostra dos seus quadros. A' direita do artista os srs. prof. Lucilio Albuquerque, commandante Franca Velloso, da Casa Militar da Presidencia, e embaixador Edwin Morgan, dos Estados-Unidos. 3 — Paim, o festejado artista paulista, entre alguns exemplares da sua linda exposição de ceramica brasileira. 4 — O pintor patricio Francisco Rossi entre os senhores Vianna do Castello, ministro da justiça, e prof. Corrêa Lima, director da Escola de Bellas Artes, e rodeado de pessôas gradas na ceremonia inaugural da sua exposição de pintura.

da actividade; e emquanto as brasileiras não puderem fazer como a viuva de Wilson, que se candidata á vice-presidencia dos Estados Unidos, não ha outro remedio senão contentarem-se com os empregos publicos, o direito platonico de eleitoras, o balcão das casas commerciaes e, agora, os omnibus. Nestes, a sua intromissão poderá ser utilissima para a companhia, pois — se forem bonitas — não faltará quem queira pagar a passagem mais de uma vez...

"A Noite"

"A Noite" registra no dia 18 a passagem de mais um anno de vida, e isso importa em dizer-se que a quarta-feira proxima é uma data de alta significação para o jornalismo brasileiro e particularmente para a imprensa carioca.

O popular diario do Rio de Janeiro, cuja carreira fulgurante se fez em breves dias e mais brilho adquire através dos annos, bem merece o conceito que desfructa de um dos mais destacados e prestigiosos orgãos da nessa imprensa, sendo portanto justissimas as demonstrações de sympathia que irá receber no proximo dia 18.

A "Revista da Semana" registra com antecipação a auspiciosa data e felicita com muito affecto o grande diario carioca.

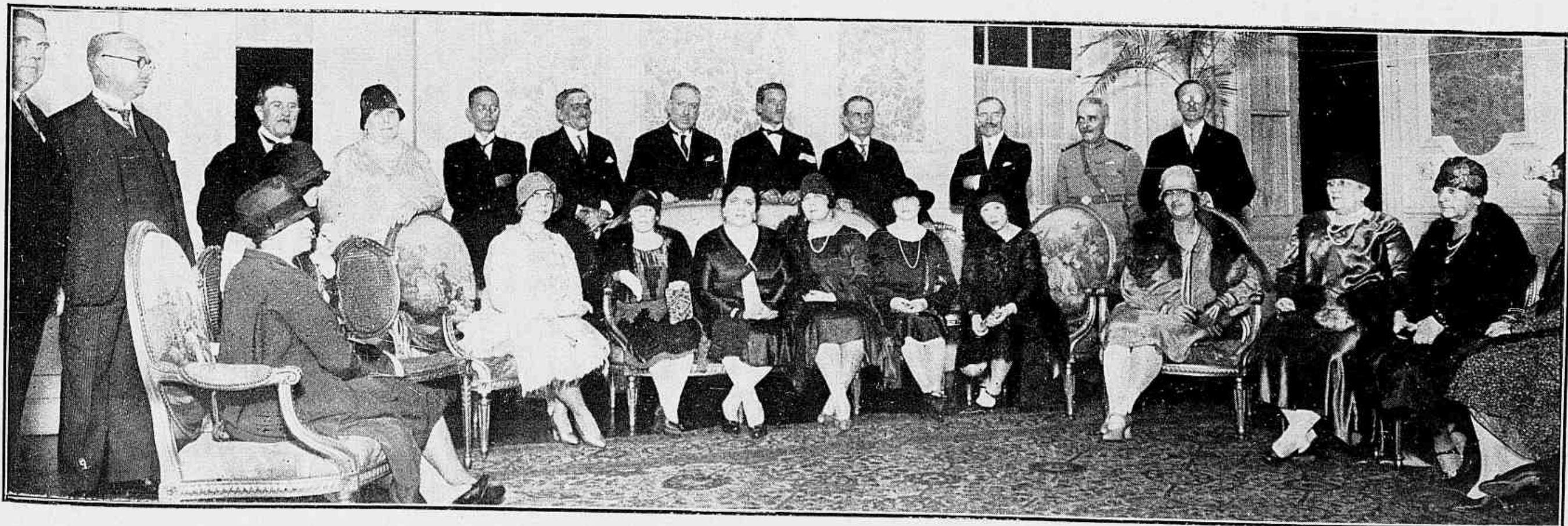
A pista da morte

Nos poucos dias decorridos da sua inauguração até hoje, a estrada de rodagem Rio—São Paulo concorreu com um grande coefficiente para o obituario, merecendo o justo titulo de estrada da morte.

De nada valem os exemplos. Os automobilistas, sedentos de *records*, transformaram-n'a em pista de corridas e, com desprendimento das proprias vidas, põem em perigo as vidas alheias, facilitando, com as suas carreiras vertiginosas, os encontros de vehiculos, que terão de ser sempre fataes.

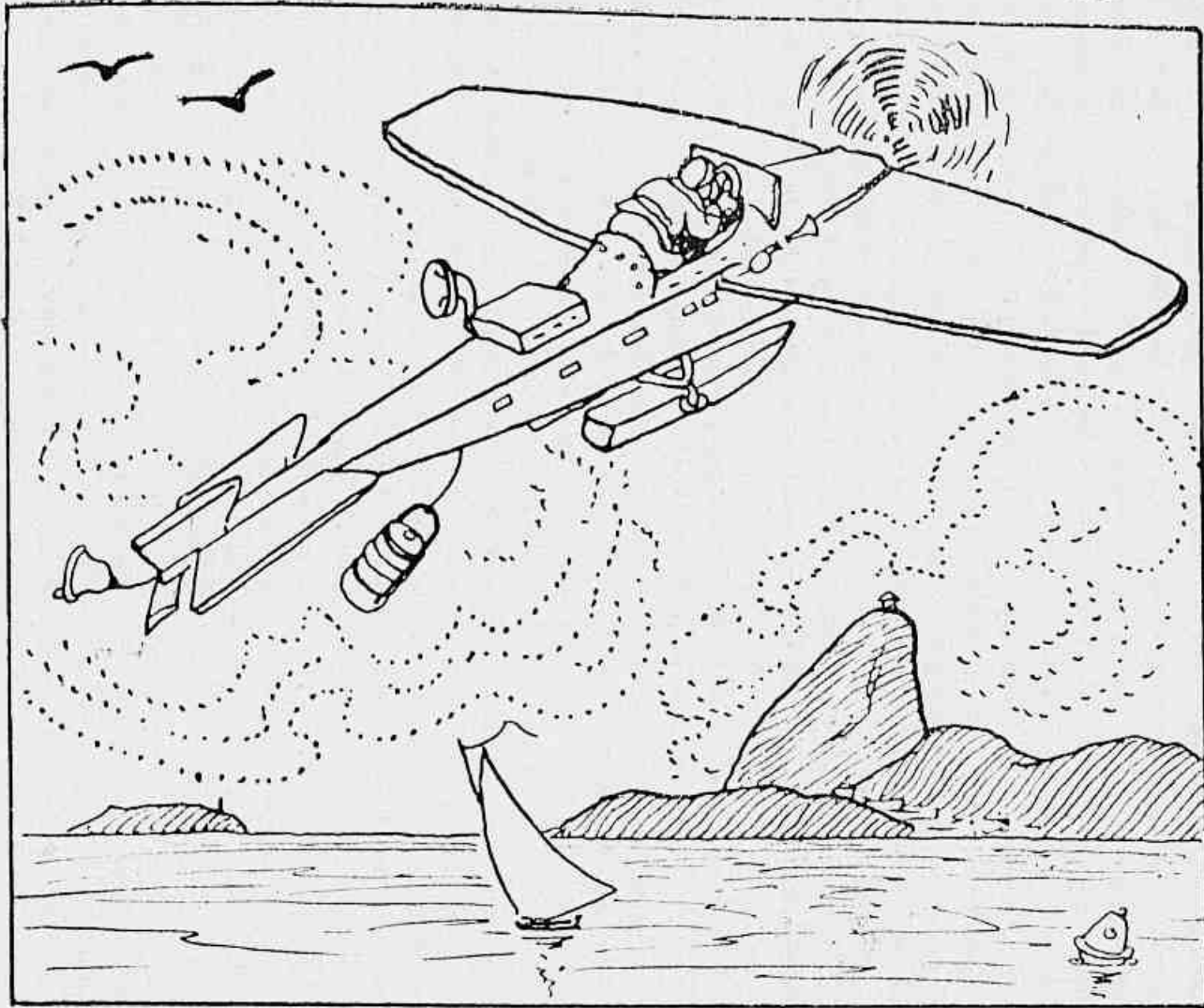
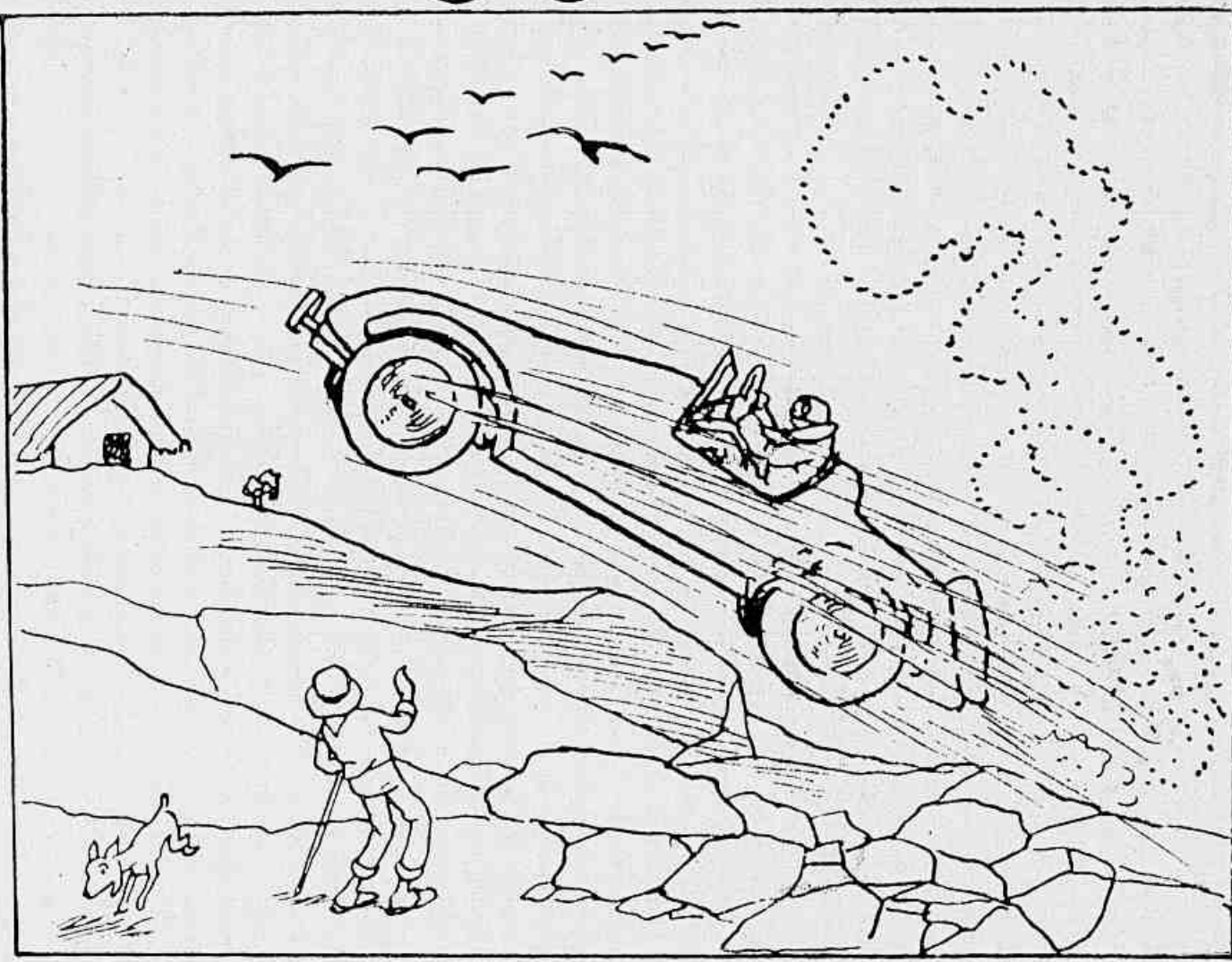
A estrada de rodagem foi — a peso de ouro — construida para facilitar communicações e não para exercicios sportivos, maximé sendo, como teem sido, via-cemiterio...

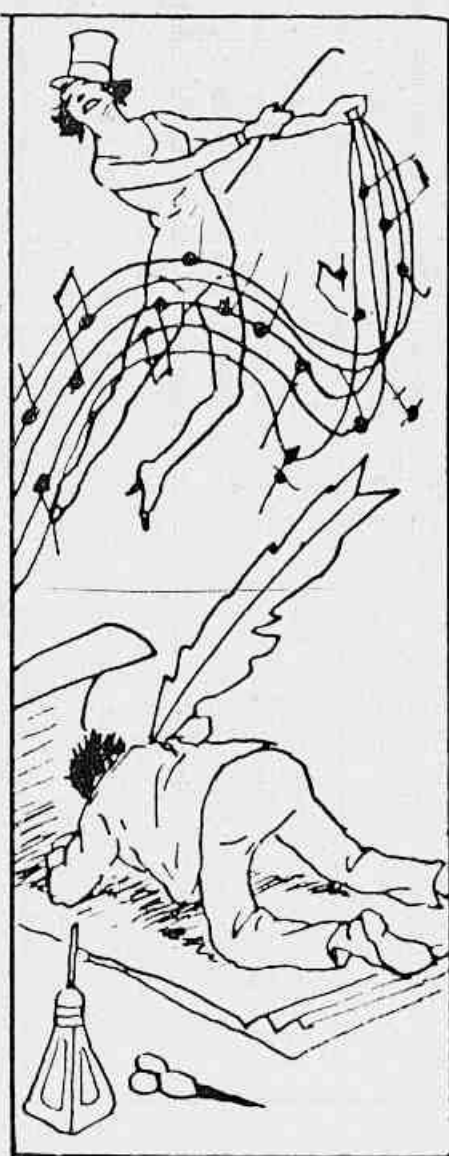
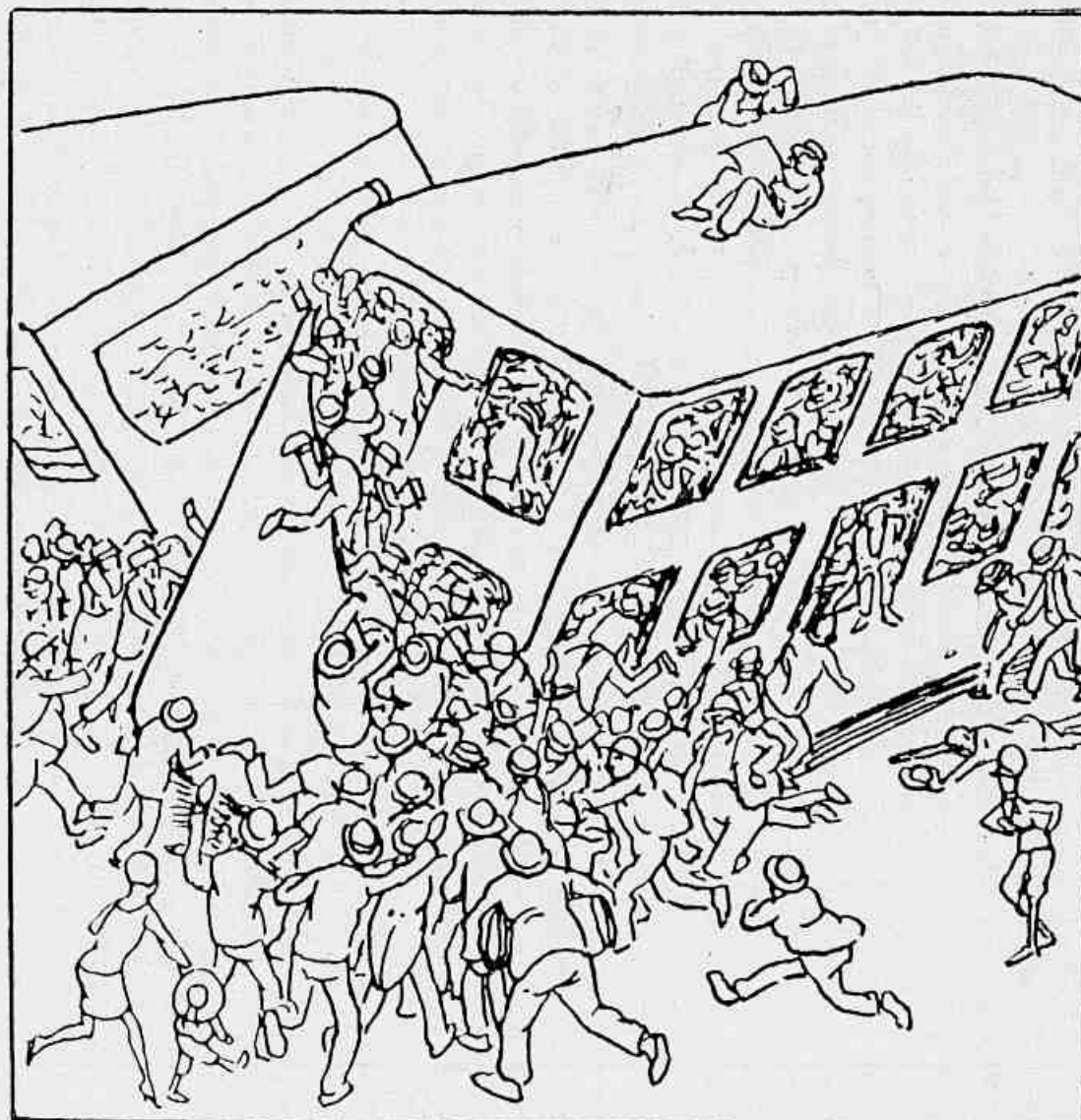
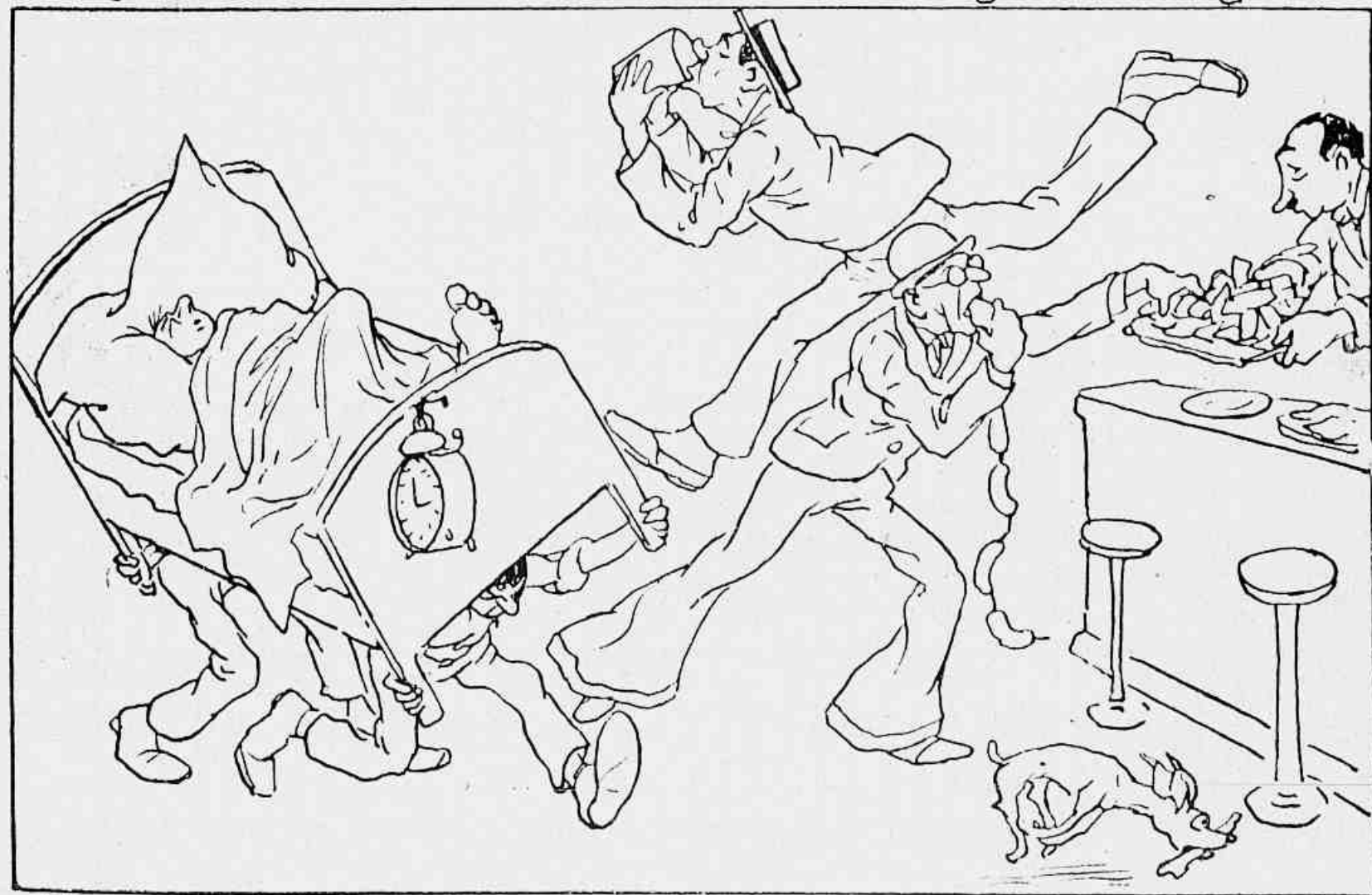
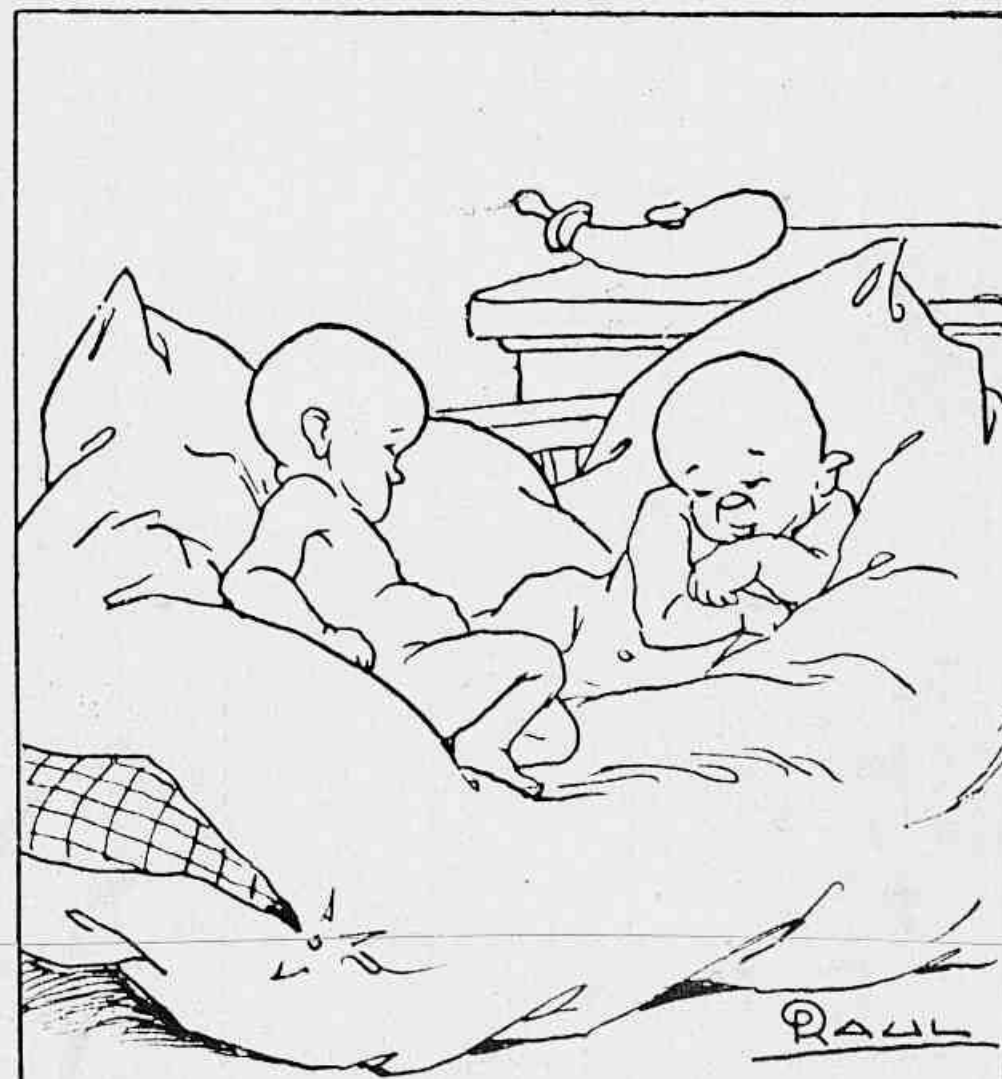
A insania humana é bem grande, porém; e não colhem os exemplos multiplos, repetidos incessantemente, dos que morrem nessa pista impropria, nas corridas inglorias que emprehendem contra todos os dictames do bom senso.

Se continuar assim a ser um sorvedouro de vidas, melhor seria não existisse a estrada Rio-São Paulo, já que não ha meio de policial-a, afim de ser reintegrada na sua justa missão, deixando de ser aproveitada como pista de corridas ou, melhor, como pista da morte.

A recepção na Embaixada Argentina, em commemoração da data da independencia da grande nação amiga. Ao centro, sentada, a senhora embaixatriz da Argentina, tendo á direita as senhoras Washington Luís e Octavio Mangabeira; de pé, o sr. embaixador Mora i Araujo, tendo á direita os srs. Augusto de Lima e embaixador do Japão, e á esquerda os srs. vice-presidente da Republica, ministro da Fazenda, embaixador da Inglaterra e ministros da Guerra e da Marinha.

A DERROTA DO "PONTEIRO"

O America F. C., que atravessára o primeiro turno do Campeonato invicto, soffreu no domingo ultimo a sua primeira derrota, infligida pelo Flamengo. Nesta pagina, em que se vêem tres aspectos do jogo, no stadium do Fluminense, estão photographados os dois teams contendores : ao alto, o do Flamengo, vencedor por 3 x 1; a seguir, o do America.

Tudo ás préssas...

O hydro-avião HSO4H2 leva a Manáus, em 5 minutos a marmita do almoço do presidente.

A barata Fiatenãocorras sóbe as alterosas em 5 segundos e dá um recadinho em Goyaz.

A Radio Multiplicante recebe, transmitte, redige e vozeia em ½ hora 333333 recados.

Escrevem-se e montam-se peças theatraes de segundo em segundo.

Na hora das comodidades, todo o mundo deseja chegar primeiro...

A vertigem da velocidade é espantosa! Come-se, bebe-se e dorme-se ás carreiras!

— Parece incrivel! Ainda apparecemos de vagarinho!......

Deve-se ou não fumar?

POR HERMETO LIMA

E' nocivo o uso do tabaco? Tem elle, como dizem, a propriedade de alegrar, de distrahir? E' o que vamos examinar.

Segundo os lexicographos, a palavra tabaco é de origem americana e significa o cachimbo ou o pequeno vaso de que os Indios se utilizam para fumar.

A planta que hoje se chama tabaco, elles a denominavam cohiba.

Dizem outros que a palavra tabaco vem da ilha de Tabago, de onde se presume fosse depois para a Hespanha.

Como quer que seja, tem elle a sua origem no meio dos Indios americanos, passando em seguida aos europeus, logo após a descoberta de Colombo.

O actor Harold Lloyd e o seu cachimbo

Os Alleghans ou Mounds-Builders, nação poderosa que se fixara no valle do Mississipi e seus affluentes, em uma época tão remota que é impossivel precisar, usavam do tabaco como offrenda aos deuses, e o cachimbo era o recipiente onde as folhas seccas e reduzidas a pó eram queimadas para incensar os altares.

Em alguns logares da India imagina-se ainda que o grande Manotou se deleita em respirar o fumo do tabaco e que foi elle quem apontou o logar onde se devia encontrar o barro ou a pedra para fazer o cachimbo.

Actualmente, o tabaco é plantado em quasi todos os paizes, sendo o mais apreciavel o que nasce em terras de Havana, Bornéo, Brasil, Virginia, Mexico e Ceylão.

Na Europa os mais procurados são os da Italia, Hungria, Hollanda e França.

Chimicamente, o tabaco foi analysado por Vauquelin, que encontrou: substancias mineraes (silica), bazes mineraes (potassa, saes, magnesia, ammoniaco), acidos mineraes (azotico, chlorydrico, phosphorico, sulfurico), acidos organicos (acetico, citrico, malico, oxalico, pectico, ulico), corpos neutros organicos (cellulose, cêra ou graxa, resinas amarella e verde, materias azoticas); enfim, uma base organica — a nicotina.

A acção estimulante do tabaco é tão forte que póde produzir a inflammação dos tecidos sobre os quaes se applica. Seus effeitos pódem ser mais perigosos ainda, desde que seus principios sejam absorvidos e levados ao apparelho circulatorio; então elles exercem uma acção narcotica que vae até ao cerebro e se traduz por uma especie de estupor ou tremor geral, susceptivel de levar a um desfecho mortal.

Usado exageradamente, produz o negror dos dentes, diminue a delicadeza do paladar, torna a digestão penosa, especialmente pela perda da saliva, que a ella é tão necessaria, e pela excitação que produz no estomago.

O tabaco é ás vezes um veneno mortal. Sabe-se que o poeta Santeul morreu debaixo de dôres horriveis, por haver, por pilheria, tomado vinho na sua tabaqueira.

Tem-se visto fumadores cahirem em profundo somno e depois morrerem, por terem aspirado pelo nariz uma grande quantidade de fumaça do charuto.

Tres creanças, ás quaes sua progenitora tinha friccionado a cabeça com uma decocção de tabaco, afim de as curar da tinha, morreram de convulsões.

Cita-se tambem o caso de um contrabandista que para illudir os guardas enrolara no seu corpo varias cordas de tabaco e morreu envenenado algumas horas depois.

O tabaco é tambem um veneno lento.

Póde-se ter a prova disso vendo-se os operarios que trabalham na fabricação de cigarros. São geralmente pallidos, magros, sujeitos a molestias do peito, a dores de cabeça, colicas, vomitos etc.

Por outro lado, experiencias feitas sobre os animaes teem posto em evidencia as qualidades nocivas do tabaco.

Quem escreve estas linhas teve occasião de conhecer tres pessôas que faziam uso immoderado de tabaco e que morreram subitamente. Desgraçadamente não foram feitas autopsias nos cadaveres, mas os medicos attestaram que todos tres tinham fallecido de embolia cerebral.

E essa *causa mortis* não está longe de ser attribuida ao tabaco, pois na opinião de Luiz Figuier elle é um excitante do cerebro, e sabe-se que a nicotina produz convulsões cerebraes, vertigens, paralysia das extremidades inferiores, angina do peito cancro na bocca etc.

E' pois incontestavel, diante de tantas provas, que o abuso do tabaco é um veneno tão perigoso como outro qualquer.

As delicias de um cigarro...

Mas o toxico produzirá seus effeitos mesmo ao fumador que não exagera, que não abusa?

Difficil é a resposta, porque ninguem poderá dizer ao certo quando é que o abuso começa.

Nos automobilistas, um cigarro póde dar logar aos mais sérios accidentes. Tendo o cigarro numa das mãos e na outra o volante, a direcção do carro ficará privada da firmeza exigida e que só as duas mãos lhe poderão dar.

Ao fumante é quasi impossivel acabar com o vicio, a não ser que uma grande força de vontade o domine; mas dos males o menor. Um scientista dá os seguintes conselhos para aquelles que se deixam vencer pelo vicio: escolher o tabaco menos forte, que tem menos nicotina; fumar moderadamente; não accender o cigarro, o charuto ou o cachimbo, senão meia hora depois de cada refeição; sacudir fóra o cigarro ao meio d'elle; não reaccender o cigarro uma vez apagado; depois das refeições, fumar ao ar livre; fugir da atmosphera impregnada pelo fumo dos cigarros; conservar sempre o tabaco humido; entre o cachimbo, o cigarro e o charuto, escolher o primeiro; fumar em cachimbo que tenha longa boquilha e de preferencia que esta seja de ambar; não conservar a boquilha sempre no mesmo ponto da bocca; limpar a bocca e os labios depois de haver fumado; cessar de fumar logo que appareçam inchação e coagulos brancos no epithelio, ou então logo que appareçam na bocca ligeiras excrescencias verrugosas ou ligeiras fendas; não fumar no cachimbo de outrem.

Conde Leão de Tolstoi, o grande escriptor russo que escreveu um livro fulminando o uso do fumo.

Mas as pessôas de temperamento bilioso e nervoso teem tudo a receiar do vicio de fumar.

Vamos dar agora a opinião de varios homens celebres a respeito do fumo.

Napoleão Bonaparte dizia que elle era a distracção dos ociosos.

Victor Hugo affirmava que elle transformava o pensamento em sonhos.

Gœthe odiava o fumo e não perdia vaza em o fulminar.

Henri Heine pensava do mesmo modo.

Lamartine, Sainte-Beuve, Thiers e Pasteur não fumavam.

Tolstoi, que escreveu um livro sobre o vicio de fumar, dizia que o tabaco era um veneno tão perigoso sob o ponto de vista da saude physica como da intellectual.

Jacques I, rei da Inglaterra, ameaçou de fazer prender todo fumante; mas, como se o fizesse as cadeias não chegariam para tanta gente, contentou-se em mandar encarcerar Rawlegh, que havia introduzido o cachimbo na Inglaterra.

Abbas I, schah da Persia, mandava cortar os labios dos fumantes.

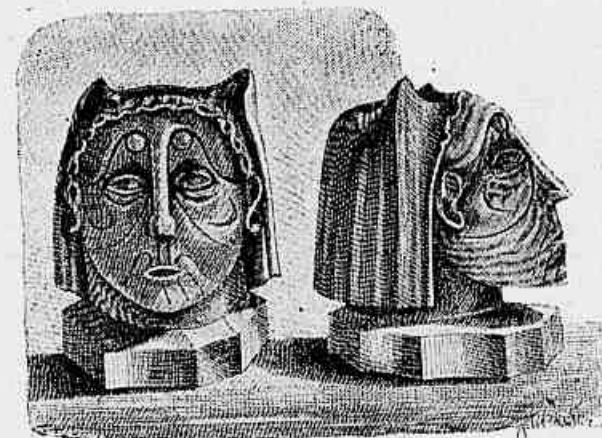
Michel Federowitch, czar da Russia, tendo visto a sua capital em parte destruida por um incendio, devido á imprudencia de um fumante, prohibiu o uso do tabaco, applicando a bastonada aos infractores e a pena de morte aos reincidentes.

O papa Urbano VII, em 1624, lançou a excommunhão aos fumantes.

E não terminariamos mais a lista de todos aquelles que se teem declarado abertamente inimigos terriveis do vicio de fumar.

Mas tudo na vida tem o seu lado bom e mau, até mesmo o vicio.

Se formos fazer uma estatistica minuciosa do numero de familias que — para só falar no Brasil — vivem de tudo quanto se refere ao fumo, desde a plantação e cultivo do tabaco até á manufactura do cigarro, veriamos que a quantidade é muito maior do que imaginamos.

Ha tambem muitas cidades do Brasil que desappareceriam se não existisse o plantio do fumo. Todos sabem como são apreciados os fumos do Araxá, em Minas Geraes; de S. Felix, na Bahia; do Acará, no Pará; de Jaraguá, em Goyaz, e isto para só falar das cidades principaes, porque o tabaco no Brasil nasce em toda a parte.

Cachimbos esculpturados da Mound-City

Não ha muitos annos, numa casa em ruinas da rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, chamava a attenção publica um lindo pé de tabaco que havia nascido no telhado.

Quem o plantara ali?

Teria algum passaro atirado lá a semente?

Ninguem póde saber; mas a presumpção é de que o visinho do sobrado ao lado tivesse jogado pela janella a ponta de seu charuto e lá ella apodrecesse, encontrando, em seguida, vida na terra fertil da calha do telhado.

Se alguem fôr contar isto ao agricultor de alguns dos paizes europeus, onde a terra cançada, vivendo á custa de adubos poderosos, quasi por milagre fructifica, porque ha centenas de annos que ellas produzem — o agricultor dirá, talvez, que estamos exagerando; mas só nós sabemos que o caso aqui é commum e que ha-de haver por ahi muito pé de fumo a nascer pelos telhados, sem que se possa jamais saber quem foi o semeador!

Que delicia para os que fumam!

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

E' de esperar que possamos agora u‿ar os nos‿os tailleurs e que um pouco de frio venha terminar este longuissimo verão. Mostremos as nossas saias com pregas dupla., finas, em leque ou pespontadas, com pallas que desenham harmoniosamente as cadeiras. O costume tailleur, que renasce agora, tem muito chic. Os casacos são curtos, dando um aspecto mais juvenil á silhueta.

Blusas chemisier, colletes fingidos ou verdadeiros acompanham os tailleurs de lã lisas ou de fantasia. Os tailleurs de seda offerecem muita fantasia. São guarnecidos com delicados trabalhos feitos a mão: pontos abertos, bordados Richelieu e outros, recortes e bicos festonados.

O crêpe de Chine, a toile de seda, o shantung não são os unicos tecidos empregados nas blusas dos tailleurs e nas suas guarnições: vê-se o lamé, setim lourado, a malha de aço, o filó palhetado; o jersey com trama de curo e de aço compõe guarnições de uma interessante originalidade. O palhetado está muito em moda: veremos muitas gollas cobertas de pequenas palhetas brilhantes. De uma maneira geral, nota-se que nos vestidos o movimento para a esquerda e a roda toda de um lado teem menos adeptas. Os babados e os franzidos estão dominando um pouco a mania pelas prégas nos vestidos leves. O corte en-forme, pelo menos para a frente das saias e para as capas, é muito apreciado.

O chapéo com aba tem

Ultimos - Modelos

(Os tailleurs)

N. 1 —Tailleur de lã fina, tecido misturado brun e beige; applicações do proprio tecido.

N. 2 —Tailleur de reps de de lã azul marinha, guarnecido com cadarço de seda preta; blusa de setim branco com viez de seda preta.

N. 3 — Casaco de setim branco guarnecido com o setim marron da saia.

N. 4 — Tailleur de phantasia de crêpe marocain azul marinha, bluza de crêpe da China com pintas.

N. 5 — Tailleur de crêpe marocain de lã côr de cinza.

COMO SE PÓDE ABSORVER UMA CUTIS VELHA

(Da Revista "Popular Monthly")

Uma joven que se assigna "Desconsolada" nos escreve: "Experimentei de tudo para minha pobre e horrivel cutis, que é muito aspera e cheia de manchas" e nos pergunta se "realmente existe alguma cousa que possa remediar, efficazmiente". E' sempre prejudicial para a pelle o emprego dos cremes que se vendem em frascos ou potes. O unico modo de transformar uma cutis má é substituil-a por outra. E isto se obtem com o uso da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax"), que se pode encontrar em qualquer pharmacia e que se applica como se fosse cold-cream, todas as noites, retirando-a pela manhã com um pouco de agua morna. O tecido morto da pelle fica absorvido, permittindo assim que surja uma nova cutis rosada, louçã e formosa. O tratamento que aqui deixamos recommendado não causa inconveniente algum, pelo contrario offerece a vantagem de não deixar transparecer sua applicação, porquanto a cutis velha se desprende imperceptivel e progressivamente.

VESTIDOS DE NOITE

N. 1 — Vestido de crêpe romain verde esmeralda; as nervures que guarnecem a saia é que lhe dão a roda dos lados. N. 2 — Toillete de setim azul rei e renda do mesmo tom um pouco mais claro. N. 3 — Corpo de setim rosa pallido, a saia formada por dois babados: o de mousseline de seda do mesmo tom; o *coquillé* do lado retido com rosas de velludo carmesim. N. 4 — Vestido de crêpe da China *mauve*, godets de renda marfim. Cinto de lamé de prata. N. 5 — Toillette de crêpe *georgette* vert-lumiére, sobre forro de setim do mesmo tom.

agora o mesmo successo que o completamente sem aba. A cloche com as abas mais compridas dos lados é a ultima novidade; são guarnecidas com uma simples fita ou com flôrzinhas. Os collares de plumas flexiveis e macias teem um laço de velludo ou uma flôr a dizer com a do chapéo. Este anno a Moda decidiu que, entre a multidão dos coloridos offerecidos á sua escolha, seria o azul e depois o verde que reinariam; mas o rosa quiz tambem fazer sua apparição, e depois foi o vermelho. O suave cinzento, copiado das pennas dos pombos, o beige claro tambem foram escolhidos.

Elegante e correcto, o preto é sempre bem acolhido, o azul marinha em seguida fez sua apparição; enfeitaram-os com branco, depois côr de rosa ou então com azul muito claro. O preto e branco, e o azul marinha e branco são escolhidos de preferencia por aquellas que gostam das toilettes discretas.

CONSELHOS SOCIAES

EDUCAÇÃO MORAL DA CREANÇA

Para que a consciencia cumpra bem o seu papel, é preciso que seja educada. A educação moral tem de pôr em primeiro logar na alma a luz necessaria para cada qual ver o seu dever.

Mas o conhecimento do dever não basta á vida moral: pede como consequencia a pratica, que requer uma vontade recta e forte. O segundo fito da educação moral será portanto cultivar na creança a vontade.

Assim, o duplo resultado da educação é pôr nas jovens almas luz e força. Que bello papel para a primeira educadora, para a mãe!... Francamente, a aceitação de um tal papel não exige para esta educadora primacial a obrigação de intensificar na sua propria alma a luz e a força? — Poder-se-ha dar se não se tem com abundancia?

Pôr luz na consciencia é fazer ver que o bem vale a pena de ser exercido, mesmo a custa de grandes esforços, emquanto que o mal, que enfeia e enfraquece a nossa alma, deve ser afastado com horror. Para conseguir isso, as creanças não sabendo ainda as bôas razões de agir, é preciso dar-lh'as, não receiar explicar-lhes as nossas ordens, mostrar-lhes o porque do que as obrigamos a fazer. Bem entendido, essas ex-

MODA INFANTIL

N. 1 — Vestido de sarja fina côr de cereja, blusa de *toile d'avion* marfim e cinto do mesmo tom de camurça. N. 2 — Vestidinho de linho rosa, bordado com ponto de cruz em quadrados, com linha azul antigo. N. 3 — Vestido de crêpon branco bordado com seda branca lavavel. N. 4 — Ensemble de kasha *beige*, alegrado por uma golla de lingerie e uma gravata de fita côr de cereja. N. 5 — Vestido de crêpe da China côr de palha; soutaches guarnecem a saia de uma maneira original e terminam o decote e as mangas. O soutache é do mesmp tom do vestido. N. 6 — Vestidinho de crêpe Georgette verde claro, guarnecido com pontos abertos e tiras do mesmo tecido de um verde mais carregado. N. 7 — *Barboteuse* de linho branco, bordado com bolas de linha azul vivo.

plicações devem ser o mais curtas possivl; de outra maneira, cansariam as jovens intelligencias a quem são dirigidas; o effeito produzido seria contraproducente; antes então dar as ordens simplesmente sem explicação.

Muitos dirão: está o mundo ás avessas, os paes agora teem de dar explicações aos filhos sobre o que ordenam; onde iremos dar com tal systema? Acalmem-se! Não é para pedir a aprovação dos filhos que devemos explicar as nossas ordens: é para esclarecer a intelligencia delles, é para fornecer ao seu entendimento os elementos que os ajudarão a formar julgamentos rectos.

As ordens explicadas não sómente são de grande auxilio para o feliz progresso da intelligencia e do bom-senso, como ajudam tambem muitissimo o desenvolvimento do espirito de familia. As creanças, conhecendo tudo que podem conhecer dos pensamentos dos paes, entram com elles em intima communhão de sentimentos e de desejos; interessam-se pelas suas emprezas; pedem o seu bom exito nas proprias orações. A communidade de ideias, alargando-se, intensifica e amizade reciproca. Esta completa união moral no lar, na primeira idade, prepara para mais tarde a affeição intensa dos filhos grandes para com seus paes e a sua ardente dedicação ao bem da familia; os mais

A moda em Chantilly.

velhos tornam-se rapidamente os collaboradores das mães na educação dos pequenos e, quando as circunstancias permittem, dos paes nos seus trabalhos.

O segundo fito da educação moral é cultivar a vontade de maneira a tornal-a direita e forte. Um tal trabalho vae contra maxima muito antiga: "Deve-se dobrar a vontade das creanças!". Maxima antiga, mas mais absurda ainda do que antiga. Com que a creança praticará ella a virtude senão com uma vontade forte? E' preciso portanto não a quebrar, mas tornal-a robusta. O educador que se esforçasse em dobrar a vontade do discipulo seria simplesmente um malfeitor. A educação não se faz com brutalidades, é a arte das artes. E' doloroso ver como numerosos paes intelligentes, cultos e virtuosos fazem desta grande tarefa uma coisa mesquinha e acanhada.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

UM OU MAIS PRATOS

Para garantir a tranquillidade ao somno, convem não impor, á noite, ao estomago uma digestão muito laboriosa.

Mas não se deve no emtanto exagerar as precauções nem, sobretudo, limitar de mais as quantidades de alimentos das creanças e das pessoas que trabalham. Os alimentos do jantar devem ser menos pesados que os do almoço e tanto mais substanciaes quanto forem em pequeno numero. Uma sopa, um legume acompanhando a carne, ave ou o peixe, uma sobremeza bastarão, comtanto que a sopa seja ou feita com um bom caldo de carne ou de gallinha ou bem engrossada com farinhas, massas e legumes quando é magra.

O legume preparado com môlho branco, seja elle couve-flôr, espinafres ou chicorea, é sempre appetitoso e nutritivo, sobretudo quando se lhe junta torradas fritas na manteiga.

Como sobremeza, crême, pudim ou bolo de se-

Os lindos modelos parisienses

mola, de arroz ou de tapioca, pastelão de fructas ou de geleia satisfarão não somente a gulodice como o appetite.

O queijo fresco, as fructas fornecem as vitaminas indispensaveis.

Como se vê, com muito poucos pratos pode-se no emtanto combinar um menu familiar quotidiano: a importancia está no valor nutritivo dos alimentos.

Por principio de economia muitas mães de familia são obrigadas, para evitar a despesa do combustivel, a fazer um prato unico ou quasi: carne cozida acompanhada com legumes.

E' um excellente alimento, mas sempre é bom variar um pouco: seria preciso ter muito bôa saude para comer sempre a mesma coisa com o mesmo appetite. Alem de que a variedade dos alimentos presta-se a uma perfeita repartição dos diversos elementos que devem concorrer para sustentar o nosso organismo — azoto, phosphoro, phosphatos, albuminoides, gorduras, agua etc. — e que cada alimento contém em quantidades diversas. Essas substancias não devem ser poucas nem de mais, mas associadas nas proporções que toda bôa dona de casa deve conhecer. Conforme o estado de saude dos membros da sua familia, terá de esforçar-se para adaptar os recursos de que dispõe ás necessidades dos que della dependem.

MENU DE JANTAR

SOPA DE MASSA

TIGELINHAS DE CAMARÕES

ARROZ

MATELOTE DE MIOLOS DE CARNEIRO

BATATAS COZIDAS

PATO RECHEIADO

SALADA DE ALFACE

PUDIM DE CRÊME COM ABACAXI

TELHAS

TIGELINHAS DE CAMARÕES

Põe-se para derreter numa panella uma colher de manteiga, mexe-se com uma colher de farinha de trigo e molha-se em seguida com um copo de vinho branco e um pouco d'agua. Deixa-se cozinhar, mexendo-se sempre até ficar um môlho bem espes-

so. Descascam-se os camarões, que já devem estar cozidos em agua e sal, picam-se em pedacinhos e põem-se dentro do môlho; deixa-se cozinhar uns dois minutos. Enchem-se as tigelinhas, peneira-se por cima com farinha de rosca e vae a tostar no forno.

MATELOTE DE MIOLOS DE CARNEIRO

A quantidade deve ser calculada a um miolo por pessôa. São passados por agua fervendo; depois de terem estado de môlho algum tempo, tiram-se todas as pelles e fibras. A' parte, refoga-se em manteiga algumas cebolinhas; tempera-se com sal, pimenta e molha-se com um copo de *bordeaux*; põe-se dentro os miolos picados em pedaços de tamanho regular e deixa-se ir reduzindo o môlho em fogo brando. Logo que estiverem cozidos, juntam-se os champignons de uma lata e engrossa-se o môlho com um pouco de farinha de trigo misturada com um pouco de manteiga.

Forra-se a travessa com torradas fritas na manteiga e despeja-se por cima a matelote de miolos.

PATO RECHEIADO

Faz-se o recheio para o pato com os seus miudos que são picados juntamente com um bom pedaço de presunto (na falta deste póde-se empregar o *bacon*).

Junta-se a este picado um pouco de miolo de pão embebido em leite e espremido, cheiros bem picados, azeitonas (sem os caroços de preferencia), um pouco de leite, quatro gemmas e uma pitada de pimenta. Mistura-se tudo muito bem antes de encher o pato.

O pato em seguida vae a'assar no forno, tendo-se o cuidado de molhal-o de vez emquando com o seu môlho.

PUDIM DE CREME COM ABACAXI

Faz-se um crême com uma garrafa de leite, seis gemmas e uma fava de baunilha; derrete-se 70 grs. de gelatina branca em meio copo d'agua quente e mistura-se com o crême. Faz-se uma calda em ponto de bala com assucar e a calda da compota, e com ella unta-se a fôrma, e arruma-se uma camada de pedaços de abacaxi de compota e outra de crême, e assim successivamente até acabar de encher a fôrma, que vae em seguida para a geleira.

TELHAS

Depois das amendoas pelladas (125 grs.) cortam-se em fatias finas, que são em seguida postas no forno num taboleiro para seccar; poucos minutos são sufficientes. Põe-se numa vasilha 200 grs. de assucar e juntam-se uma depois da outra quatro claras de ovo, batendo sempre; junta-se em seguida 20 grs. de farinha de trigo peneirada, depois as amendoas e por ultimo 50 grs. pouco mais ou menos de chocolate, que se faz derreter num pouco de leite (o chocolate deve ser de baunilha). Unta-se com manteiga os taboleiros de forno e peneira-se

levemente com farinha de trigo. Põe-se então meia colher d'essa massa (que se espalha numa rodella).

Deve-se distanciar as rodellas afim de que ellas não se toquem. Põe-se para assar num forno bem quente para que as beiradas fiquem mais coloridas que o centro; tomar muito cuidado porque assam muito rapidamente.

Tira-se do taboleiro empregando a lamina de uma faca bem flexivel; e para dar-lhes o feitio de telha apoial-as emquanto quentes contra um rolo de abrir massa.

O centenario do fallecimento de Goya

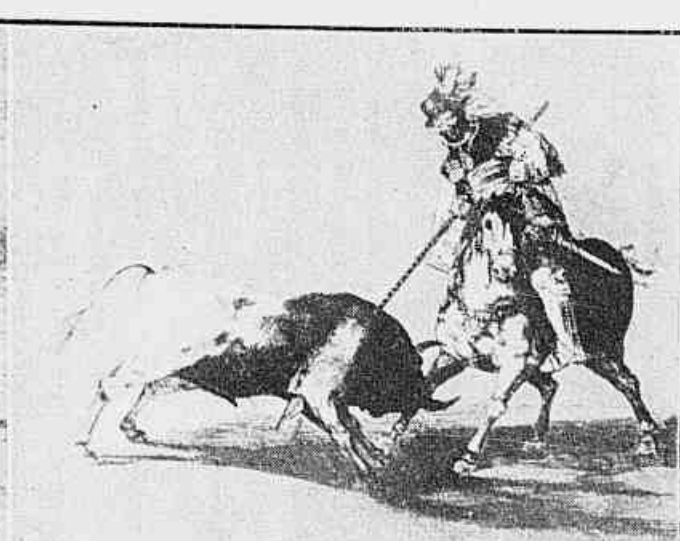
A HESPANHA FESTEJA O SEU GRANDE PINTOR

O guarda-sol, tela de Goya; um dos mais celebres quadros do museu do Prado em Madrid.

Retrato de Francisco Goya Lucientes, pintado por um dos seus compatriotas, Vicente Lopez.

Amigo de aventuras, guloso, exuberante, faustoso, miseravel, *Goya* é um heroe picaresco. Pinta o retrato do Rei, das Infantas, mantendo-se grave como um cortezão naquella côrte, a mais severa do mundo. De repente, desenha feiticeiras montadas em vassouras, corpos cortados em dois; um demonio apoderou-se do seu espirito, cheira a cocheira, a resina e enxofre da Inquisição. Desenha assumptos galantes para tapeçaria, faz girar os machados, commanda o fogo dos pelotões de infantaria. "A luz e as trevas brincam através todos estes grotescos horrores" escreveu Baudelaire.

Aragonez, nasceu Francisco Goya Lucientes em 1746, no coração da bravia Sierra, em Fuendetodos, suspensa como um ninho de aguia em alguns rochedos agrestes. No emtanto, fontes cantam e na luz deslumbrante os toureiros estreantes ensaiam os combates mortaes nos quaes a alma hespanhola perpetua as luctas primitivas do homem contra a fera. Parece que todo *Goya* vive nesta lucta perpetua dos instinctos, e até a sua technica exprime-a com os traços fortes de seu pincel, nos quaes *Manet*, pae do impressionismo, encontrou o exemplo de que deveria nascer a libertação da pintura franceza.

Jean Cassou, o primoroso autor das *Harmonias Viennenses*, que é grande especialista de tudo que diz respeito á litteratura e ás artes de Hespanha, de que é um admirador apaixonado, descrevendo *Goya*, diz: "E' talvez o unico grande artista do seculo XIX que festejam agora em Hespanha; mas é toda a Hespanha do Seculo de Ouro que, após um longo silencio, resuscita com *Goya*. E uma das tradições que *Goya* desperta é a tradição picaresca: esta pintura violenta

Outros tempos, mesmos costumes. Não ha uma semelhança extraordinaria entre esta photographia de *toureiro* e o estudo de Goya á direita ?

O *toureiro*, estudo de Goya. Um instantaneo do grande artista, que era admiravel em apanhar as attitudes rapidas dos toureiros em acção.

e sarcastica da vida dos bohemios, apreciada pelos escriptores e artistas dos seculos XVI e XVII.

Dever-se ha ver nos bohemios de Hespanha uma manifestação daquella philosophia oriental, feita de preguiça, de desprezo e de nihilismo sempre cara ao genio hespanhol? Ou a pintura que d'elles fizeram outr'ora Cervantes e Quevedo ou, ha um seculo, *Goya*? Orgulho ou uma ironica e cruel pena? Todas as interpretações são possiveis a este assumpto. Em todo caso vemos affirmar-se neste thema eterno da arte hespanhola uma forma de realismo extremado e caricatural que se procura em vão alhures.

O espirito hespanhol não receia a careta; não receia ir procurar a luz da vida sob os andrajos os mais horriveis. *Goya*, no genio do qual todos os valores da sua raça estão reunidos da maneira a mais intensa e completa, tornou-se fiel a esta tradição, e suas figuras de bohemios e andrajosos formam uma parte original da obra d'este pintor da côrte. Provam a riqueza e a facilidade d'este milagroso artista que deixou, aliás, tambem muitos trabalhos de figura de uma extrema delicadeza e voluptuosidade».

Póde dizer-se que este grande realista soube exprimir a alma da Hespanha, não sómente tal como era no seu tempo, mas com seu aspecto transmissivel e duravel, de que se encontra ainda traços em cada canto da Madrid popular de hoje. Sob o sol desta bella cidade pceirenta e brilhante, ou nas margens ressecadas do Man-

Fuendetodos, aldeia onde nasceu Goya, tem ainda actualmente o mesmo aspecto rustico e primitivo que tinha na occasião em que all deu seus primeiros passos o maior dos pintores hespanhoes.

zanares, póde-se evocar *Goya* com seu olhar malicioso e o nariz sensual que fazem com que sua physionomia lembre extraordinariamente a de outro genio: Beethoven. E' esta recordação que o escriptor Ramon Gomez de la Serna faz reviver no velho café de Pombo; é elle que encontramos nos rythmos surprehendentes do grande musico Granados.

E' no povoado onde foi criado que *Goya* encontrou este espirito romantico que poz nas portas das cathedraes a dôr sobre o rosto do Filho do Homem e o divino sorriso sobre os rostos das deusas. *Goya* apaixonado pela Revolução Franceza, *Goya* amigo dos reis e amante da duqueza d'Alba, *Goya* inimigo dos francezes e acabando seus dias no exilio em Bordeaux, onde morreu em 1828, estava surdo e quasi cego, e tão enfraquecido que era preciso fazerem a ponta dos lapis com os quaes desenhava as imagens da sua caprichosa melancolia.

Muitas vezes nos caes que marginam o Gironde, os marinheiros puderam ver aquelle velho mysterioso, vestido de escuro, que com um olhar melancolico seguia as linhas graciosas das embarcações. Se descarregavam algum cargueiro, dirigia-se com passo activo para aquelle ponto; os seus olhos prendiam-se naquelle espectaculo alegre e colorido das fructas, dos passaros multicores, das sedas, dos marfins, das madeiras de todos os tons. Depois seguia para o centro da cidade, e raros eram aquelles que sabiam que grande artista alí ia.

Nada commovia mais este creador que os espectaculos da Guerra e da Inquisição. Nada, a não ser a morte de uma mulher amada, essa duqueza d'Alba, que elle nos transmittiu vestida e despida para mostrar a belleza physica da sua amada. O fim da sua vida foi um desastre.

Quando abriram o seu caixão para transportar os restos mortaes para a Hespanha, foram encontrados dois esqueletos.

— ✻ —

Uma confiança ousada não desagrada ás mulheres.

BYRON.

*

A principal causa da desunião dos casaes é a falta de consideração entre os dois.

Porque não se realizou o casamento

No mez passado, em Hanover, na Allemanha, um padre ia celebrar um casamento e já os noivos, acompanhados de suas familias, estavam junto do altar. Antes de pronunciar as palavras definitivas, o padre pensou fazer bem dirigindo, como de costume, um pequeno discurso aos futuros esposos. Mas emquanto elle falava (com certeza de uma maneira amoladora) a noiva sentiu uma vontade doida de bocejar. Luctou durante algum tempo, mas depois, não se podendo conter mais, abriu a bocca de tal maneira que deslocou o queixo. Houve na igreja um momento de atrapalhação. Apressaram-se em mandar chamar um medico. Este, com algumas pressões no logar certo, conseguiu tirar a infeliz daquella situação penosa.

Quizeram continuar a ceremonia. Mas não foi possivel. O casamento não podia mais realizar-se... Com effeito, emquanto o medico e os assistentes se occupavam da noiva, o noivo moscára-se, deixando simplesmente um bilhete no qual dizia: "Não posso casar com uma mulher que boceja antes do seu casamento. O que será depois?"

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre o tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111 — Rio de Janeiro

Ondina (Nictheroy) — Posso enviar-lhe o depilatorio, cujo preço é de 13$000 incluindo emballagem e porte do correio.

Baby — Duas vezes ao dia, faça uma compressa sobre as espinhas com a *Loção de Cravos* e agua bem quente na proporção de uma colher da loção para uma chicara de chá d'agua quente. Enxugue depois a pelle e applique o *Creme Neve* e o *Pó de Lyrio*. Em pouco tempo sentirá o benefico resultado d'este tratamento e a sua pelle se tornará branca e sem defeitos.

Mme. Alves — A massagem diaria acabará por extinguir as rugas em volta das palpebras e restituirá ao seu pescoço a belleza. Adopte o tratamento hygienico da pelle indicado a pags. 7 e 8 do meu prospecto que acompanha a *Loção de Embellezar a Pelle*. Restabelecerá a sua pelle de todas as pequenas enfermidades que a affligem, restituindo a firmeza aos musculos faciaes e tornando-lhe a cutis branca e saudavel.

Berenice — Nenhuma mulher deve esperar as primeiras rugas para tratar da sua pelle: assim como cuida dos dentes e das unhas, deve tambem tratar da cutis. Nem todo o creme serve para a massagem. O meu *Creme de Massagem* é composto de substancias que nutrem, fortificam e limpam a pelle. O *Creme Neve* é destinado a fixativo do pó de arroz: branqueia a pelle, dando-lhe o tom avelludado.

R. M. — Não ha belleza sem a pelle limpa, macia e juvenil. Tanto o *Creme de Massagem* como o *Creme Neve* imprimem á pelle a frescura natural.

Gloria — Cada mulher tem um lindo cabello. Cabello que cae, que tem caspa, que parte, que está demasiado secco ou oleoso porque é um cabello sem ser tratado. O principal cuidado com o cabello começa com a lavagem. Nunca se deve lavar a cabeça com sabonete: só com *Shampoo-Pó*.

O meu *Shampoo-Pó* aformoseia o cabello. Humedeça-o com um pouco de *Shampoo-Pó* sobre a mão, esfregue bem o couro cabelludo. Em seguida lave-o com muita agua. Depois de enxuto o cabello escova-se com a escova humedecida no *Tonico n. 10*. O cabello então brilha com saude, limpeza e torna-se macio e perfumado.

Alfredo Santos — O meu *Dentifricio Radio-Activo* tonifica as gengivas e clareia os dentes. Cada frasco custa 5$000.

SELDA POTOCKA

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. — Telephone 1838 Central — Rio de Janeiro.*

UM CONSELHO POR SEMANA

Muitas pessoas entendem que para a bôa limpeza dos dentes é necessario passar a escova fortemente sobre os dentes.

O attrito continuado e demasiadamente forte contra os dentes quasi sempre traz como consequencia a irritação do rebordo gengival, que deverá ser por todos nós poupado, afim de que não offereçamos pelas nossas proprias mãos uma porta de entrada aos germens.

Para escovar bem os dentes basta que passemos a escova embebida em pasta ou sabão dentifricio sobre os mesmos com pouca força mas demoradamente e em diversas direcções.

As pessoas que apresentam gengivas sujeitas a pequenas hemorrhagias ao mais leve contacto não devem usar escovas de pellos muito duros.

* * *

Hylo Soares (Minas Geraes) — Antes das refeições. Uma colher das de chá em meio copo com agua.

Bento (S. Paulo) — Leite de magnesia, por exemplo.

Vicente de Oliveira (Minas Geraes) — Suspenda temporariamente as injecções mercuriaes.

O seu dentista precisa intervir durante o tempo que estiver soffrendo do mal de que se queixa.

Feliciano (S. Paulo) — Gargarejar com:
Chlorato de potassio, 6,0; Alcoolatura de cochlearia, 30,0; Decocção de quina, 250,0.

S. U. V. I. (Pernambuco) — Antes das refeições, de preferencia.

Decio (Minas Geraes) — Sabão de magnesia, 10,0
Carbonato de calcio, 9,0; Essencia de rosas, X gottas; Essencia de hortelã, X gotas; Essencia de alfazema, 1,0; Carmim, Q.S.

Feliciano (Rio G. do Sul) — Permanganato de potassio, 3 centigrs.; Agua distillada, 30,0.

Carlos Lopes da Costa (Minas Geraes) — Anomalia de direcção. Só com apparelho poderá chegar ao logar.

ALEXANDRINO AGRA.

SEDAN LINCOLN DE CINCO PASSAGEIROS

E' um carro luxuoso e aristocratico. As suas linhas distinctas e sua apparencia fidalga infundem respeito e admiração. Como todos os carros LINCOLN, prima pelo conforto. O assento posterior comporta tres passageiros, commodamente, havendo amplo espaço para as pernas. As janellas são largas, com caixilhos estreitos e o pára-brisa, de armação muito fina, proporciona a mais facil visão e concorre para facilitar a conducção do carro, tornando-o mais seguro. O Sedan LINCOLN de cinco passageiros é o carro ideal da aristocracia moderna.

LINCOLN MOTOR COMPANY

Divisão da Ford Motor Company

RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE — RECIFE — SAO PAULO